



ANELISE BROD  
(Organizadora)

**PIBID URI:**  
**Universidade e Escola**  
na Articulação e Interação da Iniciação à Docência



Erechim  
2022



**UNIVERSIDADE  
REGIONAL  
INTEGRADA DO ALTO  
URUGUAI E DAS  
MISSÕES**

**REITORIA**

Reitor: Arnaldo Nogaro  
Pró-Reitora de Ensino: Edite Maria Sudbrack  
Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação: Neusa Maria John Scheid  
Pró-Reitor de Administração: Nestor Henrique de Cesaro

**DIREÇÕES DOS CAMPI E DAS EXTENSÕES**

**Câmpus de Frederico Westphalen**

Diretora Geral: Silvia Regina Canan  
Diretora Acadêmica: Elisabete Cerutti  
Diretor Administrativo: Ezequiel Plinio Albarello

**Câmpus de Erechim**

Diretor Geral: Paulo Roberto Giollo  
Diretor Acadêmico: Adilson Luis Stankiewicz  
Diretor Administrativo: Paulo José Sponchiado

**Câmpus de Santo Ângelo**

Diretor Geral: Gilberto Pacheco  
Diretor Acadêmico: Marcelo Paulo Stracke  
Diretora Administrativa: Berenice Rossner Wbatuba

**Câmpus de Santiago**

Diretora Geral: Michele Noal Beltrão  
Diretor Acadêmico: Claiton Ruviaro  
Diretora Administrativa: Rita De Cassia Finamor Nicola

**Câmpus de São Luiz Gonzaga**

Diretora Geral: Dinara Bortoli Tomasi  
Diretora Acadêmica: Renata Barth Machado

**Câmpus de Cerro Largo**

Diretor Geral: Renzo Thomas

Todos os direitos reservados à EDIFAPES.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão dos autores. Os dados e a completude das referências são de inteira e única responsabilidade dos autores.

**Conselho Editorial:**

Adilson Luíz Stankiewicz (URI / Erechim/RS) - Presidente

Arnaldo Nogaró (URI / Erechim/RS)

Cláudia Petry (UPF / Passo Fundo/RS)

Elcemina Lucia Balvedi Pagliosa (URI / Erechim/RS)

Elisabete Maria Zanin (URI /Erechim/RS)

Maria Elaine Trevisan (UFSM / Santa Maria/RS)

Jadir Camargo Lemos (UFSM / Santa Maria/RS)

Michèle Satto (IFMT / Cuiabá/MT)

Neila Tonin Agranionih (UFPR / Curitiba/PR)

Sérgio Bigolin (URI / Erechim/RS)

Yuri Tavares Rocha (USP / São Paulo/SP)

**Capa:** Assessoria de Marketing, Comunicação e Eventos / URI Erechim

**Revisão:** Os autores

P584 PIBID – URI [recurso eletrônico] : universidade e escola na articulação e interação da iniciação à docência / organização Anelise Brod. - Erechim, RS: EdiFAPES, 2022.

1 recurso *online*

ISBN 978-65-88528-21-1

Modo de acesso: [www.uricer.edu.br/edifapes](http://www.uricer.edu.br/edifapes)

Título da página da Web (acesso em: 16 mar. 2022).

1. Formação docente 2. Educação – qualidade 3. Ensino remoto  
4. Prática docente 6. Educação I. Brod, Anelise

C.D.U.: 371.13

Catálogo na fonte: bibliotecária Sandra Milbrath Vieira CRB 10/1278



**EDIFAPES**

Livraria e Editora  
Av. 7 de Setembro, 1621  
99.709-910 – Erechim-RS  
Fone: (54) 3520-9000  
[www.uricer.edu.br](http://www.uricer.edu.br)

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
PREFÁCIO .....	9
AULAS DE REFORÇO PARA CRIANÇAS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS PÓS ISOLAMENTO COVID-19.....	10
Kétlen Czarnowski.....	10
Idanir Ecco.....	10
Marcia T. M Colling .....	10
LITERACIA FAMILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA .....	19
Bruna Spiça .....	19
Jaqueline Aparecida dos Reis .....	19
Rosane de Fátima Ferrari .....	19
O USO DA TECNOLOGIA NA PRÁTICA PIBIDIANA DE ENSINO REMOTO .....	26
Diuvana Sommer da Silva .....	26
Luana Brignoni de Oliveira .....	26
Rosane de Fátima Ferrari .....	26
O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PIBIDIANAS.....	33
Luana Cadoná.....	33
Még Julia da Silva de Almeida .....	33
Valéria Reichembach .....	33
Cecilia Romitti Bondan.....	33
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA NA PRÁTICA PIBIDIANA .....	43
Maria Luiza Bueno dos Santos .....	43
Lisya Korssak Freire .....	43
Rosane de Fatima Ferrari .....	43

OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA PRÁTICA PIBIDIANA .....	54
Nicole Nardino .....	54
Vanessa Antunes Nunes .....	54
Cecilia Romitti Bondan.....	54
REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: PIBID 2020/2021.....	62
Arla Thalia Horn Schwarzer.....	62
Sabrina da Cruz Webler .....	62
Cênio Back Weyh .....	62
O PIBID E A FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO DE PANDEMIA .....	69
Luana Wentz .....	69
Mayara Cibele Roque Lopes.....	69
Cênio Back Weyh .....	69
A VISÃO DOS SUPERVISORES NA PRÁTICA DO PIBID NA ESCOLA .....	78
Adriana Perdomini Geraldo .....	78
Franciel Jose Lovera .....	78
Flávio Zambonato .....	78
A MUSICALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A ARTE DA MOTIVAÇÃO ..	83
Vitória Szlachta Borré .....	83
Karini Luísa Piekas .....	83
Flávio Zambonato .....	83
SLACKLINE COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	90
Eduardo Henrique Dutra.....	90
Viviana Deon .....	90

# APRESENTAÇÃO

A presente obra intitulada “PIBID-URI: Universidade e Escola na articulação e integração da iniciação à docência” é mais um dos resultados do Projeto Institucional desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID-URI, da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), Edital nº 02/2020/CAPES.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID, foi criado em 2007 pelo Ministério da Educação, tendo seu financiamento sob a responsabilidade da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e convênio com as redes da Educação Básica, municipais, estaduais e federais. No ano de 2010, as Universidades Comunitárias foram incluídas no Programa e a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) aderiu a ele, acreditando que este seria um importante instrumento de articulação e integração entre a universidade, a escola e a comunidade regional.

O PIBID é um Programa da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes dos cursos de licenciatura sua inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica.

A inserção dos acadêmicos das licenciaturas da URI (bolsistas de iniciação à docência) nas escolas públicas de educação básica/escolas campo, vem possibilitando o aprofundamento dos conhecimentos teóricos e a vivência em diferentes experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar.

A iniciativa em organizar a presente obra, busca divulgar os relatos de experiência realizados durante a vigência do Edital nº 02/2020/CAPES, marcados pelos impactos durante a pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2), no decorrer dos anos 2020-2021.

Frente a este contexto vivenciado, foi necessário uma adaptação para a implementação do Projeto Institucional do PIBID-URI, a articulação e integração entre a universidade e a escola passou a ser realizada de forma on-line, as experiências foram compartilhadas via *WatsApp*, *Google Meet*, entre outros recursos tecnológicos.

A presente obra está estruturada em 10 capítulos que relatam as ações e processos formativos efetivados nos Subprojetos de Alfabetização e Educação Física, dos câmpus de Erechim, Frederico Westphalen e Santo Ângelo articulados ao Projeto Institucional do

PIBID-URI produzida na interlocução entre os diferentes atores (coordenadores de área, bolsistas de iniciação à docência, supervisores) demonstra significativas possibilidades de novas práticas pedagógicas na escola. Comprova, também, que a sistematização dessas práticas demanda diálogo, acesso à teoria e produção de sínteses, sobre as ações desenvolvidas.

“PIBID-URI: Universidade e Escola na articulação e integração da iniciação à docência” apresenta a produção coletiva propiciada pela aproximação entre universidade e escolas públicas, na tarefa de formação dos futuros docentes para a Educação Básica.

Sinceros agradecimentos a todos os protagonistas envolvidos no PIBID URI

Profa. Ms. Anelise Brod

# PREFÁCIO

## TRAJETÓRIAS DE APRENDER E ENSINAR: O PIBID NA URI

A Uri ingressou no PIBID, na perspectiva de estreitar sua parceria histórica com as redes de ensino de suas regiões, antevendo novos diálogos articuladores de formação docente, entre universidade, escolas, docentes e gestores das unidades de ensino.

O Programa de Incentivo à Docência confere protagonismo aos acadêmicos e aos docentes, na construção dos saberes necessários à formação. Tal contributo revela-se inovador na história das políticas de formação de professores, eis que há uma escuta sensível das necessidades das escolas, aliada a uma antevisão da universidade a partir de referenciais teóricos e epistemológicos.

Tais referenciais ganham vida na concretude da escola, e são revisitados a partir das leituras cotidianas. As trocas e interações vão construindo processos mais qualitativos de aprender e de ensinar. Esta inserção dos estudantes nas escolas de educação básica ganha relevo pelo potencial de transformação das licenciaturas, das redes de ensino e docentes. Nesta linha argumentativa, Freire (1996, p. 410), ensina:

Uma das práticas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensinam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de reconhecer-se como sujeito.

Cumpre-nos registrar nosso reconhecimento à coordenação do PIBID, aos estudantes, docentes e gestores pela qualidade dos textos que se registram nesta publicação. A divulgação das reflexões emanadas desta proposta, através dos textos aqui compartilhados, materializa o empenho e compromisso com a qualidade do processo formativo.

O arrojo desta produção desafia, ainda, a pensar sobre como as políticas educacionais podem ofertar possibilidades de avanços, quando encaradas como prioridade de seus gestores. Reafirmamos, cada vez mais, a importância de políticas educacionais propositivas e emancipatórias, que tenham no horizonte a incompletude e urgência da democracia.

Boa leitura!

Prof. Dra. Edite Maria Sudbrack  
Pró-Reitora de Ensino da URI

# AULAS DE REFORÇO PARA CRIANÇAS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS PÓS ISOLAMENTO COVID-19

Kétlen Czarnowski<sup>1</sup>

Idanir Ecco<sup>2</sup>

Marcia Teresinha Mingotti Colling<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como finalidade relatar os desafios do processo de alfabetização durante o ensino remoto emergencial no município de Erechim (RS), buscando esclarecer a realidade e os principais obstáculos vivenciados pelos professores alfabetizadores. Realizou-se aulas de reforço para os alunos do segundo ano do Ensino Fundamental I da Rede Estadual, no turno contrário as aulas, de modo em que fosse possível auxiliá-los individualmente, na expectativa de reverter os malefícios consequentes do distanciamento social. Devemos destacar a grande dificuldade de interação encontrada entre as crianças, decorrente do vasto tempo de ensino remoto e o importante papel dos professores nesta mediação, quando na escola faz-se necessário cumprir regras e protocolos de segurança quanto ao bem-estar de todos. A metodologia aplicada foi rever todas as competências e habilidades já trabalhadas pela professora regente de forma diversificada, compreendendo e respeitando o tempo de cada sujeito. Conclui-se que a experiência tenha sido de grande valia para ambas as partes, quando a acadêmica pode acompanhar de perto um processo de alfabetização e letramento, e as crianças tiveram a oportunidade de corrigir e aprimorar seus conhecimentos através de um contato mais direto com a docente.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Prática Docente. Aulas de Reforço.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia (URI Erechim) – ketlen\_czar@hotmail.com

<sup>2</sup>Mestre em Educação/UPF (URI Erechim) – idanir@uricer.edu.br

<sup>3</sup>Pós Graduada em Psicopedagogia (URI Erechim) – marciacolling@gmail.com

## **Introdução**

No presente trabalho, abordam-se reflexões sobre os desafios do processo de alfabetização durante o ensino remoto emergencial no município de Erechim (RS), buscando apontar a realidade e os principais obstáculos vivenciados pelos professores alfabetizadores e as suas contribuições para COM o processo de ensino aprendizagem de modo especial no período pós isolamento do coronavírus.

As atividades de mediação da alfabetização foram desenvolvidas em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Normal José Bonifácio, situada na Rua Nelson Ehlers, nº 243, no Centro de Erechim – RS.

Foram realizadas aulas de reforço para os alunos do segundo ano do Ensino Fundamental I da Rede Estadual, no turno contrário as aulas, uma vez na semana, por um período de três meses e meio, de modo em que fosse possível auxiliá-los individualmente, na expectativa de reverter as lacunas no processo de ensino e aprendizagem consequentes do distanciamento social.

A observação e intervenção permitiram que houvesse uma análise com um olhar mais criterioso e humano na procura de contribuições que sejam essenciais para o desenvolvimento e o processo de ensino e aprendizagem nos diversos aspectos observados durante as atividades.

A metodologia utilizada foi rever todas as competências e habilidades já trabalhadas pela professora regente, utilizando como referência para o trabalho e o desenvolvimento das atividades.

Foram desenvolvidas atividades que buscavam desenvolver competências e habilidades de leitura e escrita, coordenação motora-fina e motora-grossa, formação de palavras e frases, interpretação de texto, ordem cronológica e realização de cálculos de adição com reserva.

## **Uma Breve Análise Sobre a Alfabetização**

O processo de alfabetização é uma das fases mais bonitas do aprendizado, pois, é o primeiro passo para o conhecimento de si e da sociedade em que vive, conquistando assim seu espaço na mesma.

A alfabetização permite que o aluno aprenda a ler, escrever, realizar cálculos e muitas outras atividades que são essenciais na vida em sociedade, sendo ferramentas de compreensão e realização da comunicação do homem com a sociedade.

O profissional da educação é um sujeito que tem em mãos, cotidianamente, uma responsabilidade imensa, que é a grande parcela de contribuição na formação pessoal de

cada criança. Sendo assim, cabe ao professor enquanto construtor do conhecimento, contribuir para que se desenvolva um bom processo educativo.

Alfabetizar é um dos temas de grande discussão na atualidade, frente as possibilidades e desafios deste processo. Alfabetização é um termo de uso frequente e de simples compreensão no senso comum da maioria das pessoas como aponta Albuquerque (2007, p. 11). No entanto, é fundamental ressaltar que alfabetizar não se trata apenas de ensinar a ler e a escrever. Paulo Freire (1989, p. 72) aponta que alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. Dessa forma, podemos observar que a alfabetização está sendo cada vez mais importante e carecendo que seja trabalhada e vivenciada de forma mais significativa.

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita. (SOARES, 2005, p. 24).

Em um sentido ainda mais amplo, a UNESCO (1999, p. 23) descreve alfabetização como:

[...] conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação; em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. Existem milhões de pessoas, a maioria mulheres, que não têm a oportunidade de aprender [...] a Alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida.

Nesse sentido, a UNESCO (1999) coloca como a alfabetização é primordial para as pessoas e como esse processo implica nas mudanças não somente individuais, mas sociais e interferem diretamente na sociedade.

Para Ferreiro (2000, p. 47) afirma que “A alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária.”

Nesse processo a autora defende que, de todos os grupos populacionais as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar ressalta ainda que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 2000, p. 23).

A alfabetização é um processo que contempla várias etapas e que requer tempo, paciência e dedicação de ambas as partes, pois as crianças são colocadas à frente de um sistema complexo, e esta atividade tornou-se ainda mais desafiadora com o cenário de distanciamento social. Luiz (2020) nos diz que devemos considerar que alfabetizar envolve todo um processo de dedicação, compromisso e a prática de diversas estratégias por parte do professor para que ocorra o desenvolvimento do processo de leitura e escrita.

Frente ao período pandêmico e as novas demandas é importante destacar a importância de reformas na educação atual, quando se encontra ultrapassada e não condiz mais com as novas problemáticas educacionais. Silva (2008) defende que a escola deve superar a visão fragmentada e dispersa do mundo, que reduziria o trabalho escolar ao cumprimento de finalidades de reprodução, alienação e dominação.

É imprescindível que o professor aproprie-se de novas ferramentas tecnológicas para as suas aulas, de forma em que estas sejam atrativas e seus alunos sintam-se motivados a aprender.

A criança aprende a informar-se, a conhecer os outros, o mundo e a si mesma. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa e sedutora, mesmo durante o período escolar, a mídia mostra o mundo de outra forma, mais fácil, agradável. A mídia continua educando como contraposto à educação convencional, educa enquanto entretém. (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2003, p. 6).

Assim como Moran, Masetto e Behrens (2003) apontam, a criança aprende a partir de sua interação com o mundo e as tecnologias vem ao encontro às novas descobertas, quando atua como mediadora no processo de ensino-aprendizagem ao mesmo tempo que entretém.

## **Experiências Vivenciadas na Prática Docente**

Dado a crítica situação vivida na educação durante Pandemia e o ensino híbrido e as baixas estimativas do processo de ensino-aprendizagem, observou-se a importância de acompanhar a problemática mais de perto, de modo em que pudesse ser corrigido brevemente, sem que tivéssemos danos e lacunas de maior proporção.

Comprovado através de diversas avaliações a necessidade de um acompanhamento

individual, foi proporcionado aos estudantes do segundo ano do Ensino Fundamental I do Colégio Estadual Normal José Bonifácio, uma aula de reforço semanal no turno inverso, onde em diárias e constantes conversas com a professora regente da turma, foram diagnosticando as habilidades e competências mais urgentes a serem desenvolvidas, de modo em que as aulas de reforço fossem um complemento e revisão de todas as competências e habilidades vistas em sala de aula.

As aulas de reforço costumavam ser bem diversificadas e ricas, quando cada atividade proporcionada as crianças, foi planejada de modo em que contemplasse diversas habilidades e conteúdos, como a exploração da oralidade, formação de palavras e frases, cálculos matemáticos e coordenação motora-fina, além da atratividade e estímulo para o retorno na próxima semana. Exploramos diversas formas de trabalhar uma única competência, para que quando uma atividade mais descontraída se assemelhasse a brincadeiras, os estudantes ainda se mantivessem focados. A leitura, a formação de palavras e a formação de frases eram proporcionadas de diferentes formas, por meio de jogos de raciocínio, utilização da plataforma Elefante Letrado, escrita e vídeos interativos. Assim, mesmo cada sujeito possuindo suas individualidades no processo de desenvolvimento e aprendizagem, através deste método, tornou-se possível alcançar a cada um e verificar quais eram as estratégias que mais apresentavam êxito.

Durante cada uma das aulas foi possível observar a importância do educador ter um olhar mais humano e individual para os estudantes, levando também em consideração que cada sujeito é único, tem sua forma de processar, compreender, aprender e o seu tempo próprio de amadurecimento e desenvolvimento. Observo que esta compreensão conseguiu me aproximar e me conectar ainda mais com as crianças, pois além de desempenhar o meu papel de professora, era vista como amiga da turma, e desta esfera conseguia constatar com maior facilidade quais eram as dificuldades específicas de cada criança.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1983).

Observo esta experiência como um grande e valioso aprendizado para a formação acadêmica, quando esta foi minha primeira vez como mediadora de um processo de alfabetização, estando no segundo semestre do Curso de Pedagogia. Acompanhar constantemente os alunos, com um olhar atento e sensível, nos auxilia na recuperação de resquícios que ficaram do período de isolamento, pois quando o professor tem ciência de quais são as problemáticas, facilita na criação de estratégias. Estratégias estas que vão nos permitir alcançar o nosso educando dentro de suas especificidades.

Destaco também, os desafios dos alunos ao saírem da rotina, quando os estudos eram feitos no conforto da casa e sem necessariamente ter de seguir regras e protocolos extremos de segurança, gerando desconforto e dificuldade de socialização e convivência depois de um ano e meio dispondo do ensino remoto.

Por conseguinte, alguns registros de atividades desenvolvidas nas aulas de reforço, onde procurou-se explorar e diversificar as habilidades e competências necessárias para um desenvolvimento global dos educandos.

**Figura 1:** Escrita de palavras utilizando palitos



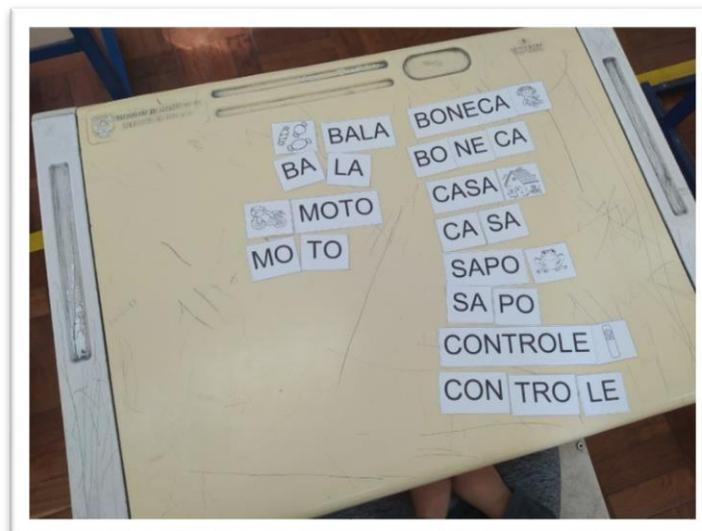
**Figura 2:** Contação de histórias diversificadas



**Figura 3:** Incentivo à leitura por meio de kits disponibilizados as crianças, disfrutando dos mais diferentes gêneros literários



**Figura 4:** Leitura direcionada utilizando de jogos que contemplassem associação a figura e a separação silábica



**Figura 5:** Explorando as letras do alfabeto através da “Pescaria do Alfabeto”



A partir das atividades realizadas, observou-se os bons resultados ao variar as tarefas, instigando ainda mais os educandos ao querer descobrir e ao querer aprender.

### **Considerações Finais**

O ensejo de poder acompanhar e vivenciar o processo de alfabetização e letramento nos traz inúmeros aprendizados e contribui grandemente para a formação acadêmica, quando o processo por si só explicita a importância de um olhar sensível, atento e da paciência quanto as etapas e o tempo de amadurecimento de cada indivíduo. Alfabetizar é um exercício complexo e que necessita de um contato direto entre o professor e o aluno, pois é através dessa relação próxima que o educador conseguirá observar a forma em que cada indivíduo apreende e processa as informações que até eles chegam, e conseqüentemente, adotar a metodologia mais adequada para se obter resultados positivos.

Diversificar atividades possibilita que o educando amplie suas áreas de conhecimento e desenvolva inúmeras inteligências, que o ajudarão a identificar sua personalidade e preferências, auxiliando para escolhas futuras, visto que a escola não deixa de ser uma preparação para uma vida harmoniosa em sociedade.

Compreender as especificidades de cada criança e buscar que eles sejam os protagonistas do próprio aprendizado, é também valorizar as suas decisões, seus modos de pensar e agir e mediar um processo de ensino-aprendizagem com significado.

Com base no contexto que estamos vivenciando, é coerente que as mudanças atingiram desde o trabalho dos docentes, que tiveram de encontrar novas formas de

alcançar seus alunos, como também os educandos e suas famílias, que precisaram se adequar à nova realidade de estudos, quando a casa passou a ser um ambiente escolar.

Após a realização das práticas, ficou evidente a necessidade de tentar amenizar e reparar os impactos causados pelo distanciamento social as crianças que se encontravam no processo de alfabetização, visto que mesmo com o auxílio da família, é compreensível que eles não possuam técnicas e nem foram preparados para este nobre exercício.

Entretanto, mesmo com os inúmeros danos na educação, por meio das aulas de reforço foi possível que os alunos obtivessem um progresso satisfatório em pouco tempo, tornando possível continuar o trabalho complexo e fundamental de alfabetizar.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. In. SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações** / organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Educação como (re) Existência: mudanças, conscientização e conhecimento. In: **CONEDU VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, nº 2358-8829, 2020, Maceió – AL. Alfabetização de crianças em tempo de pandemia e aulas remotas: o que dizem e fazem os (as) professores (as)? Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA8\\_ID4447\\_16092020163624.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA8_ID4447_16092020163624.pdf). Acesso em: 23 nov. 2021.

FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LUIZ, Sylvania Souza Felipe. **Alfabetização na Pandemia: Realidades e Desafios**. Universidade Federal da Paraíba, Duas Estradas – PB, 2020.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas. Papyrus, 2003.

SILVA, Ezequiel Teodor. **Unidades de leitura: trilogia pedagógica**. 2. ed. campinas: Autores associados, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caderno do professor** / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

UNESCO. **Conferência Internacional de EJA**. Alemanha, Hamburgo, 1999.

# LITERACIA FAMILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Bruna Spiça<sup>1</sup>

Jaqueline Aparecida dos Reis<sup>2</sup>

Rosane de Fátima Ferrari<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar a literacia familiar, como seu conceito, o processo envolvido, a importância do envolvimento familiar e algumas ideias de práticas de literacia familiar que podem ser desenvolvidas em casa. A partir de uma pesquisa exploratória bibliográfica buscou-se informações acerca deste tema relevante para a sociedade e para a educação das crianças hoje em dia. O objetivo é apresentar a importância da literacia familiar no processo de aprendizagem e alfabetização das crianças na educação infantil e anos iniciais, visto que a família é a primeira instância que educa, participa e acompanha a vida escolar das crianças. A literacia familiar estimula a leitura em família e é sobre este assunto que trataremos adiante neste artigo.

**Palavras-chave:** Família. Educação. Literacia Familiar. Alfabetização. PIBID.

## Introdução

Nunca foi tão importante falar de literacia familiar como neste momento em que se está vivendo uma pandemia mundial, onde as famílias se encontram mais reunidas e podem desfrutar de momentos ao lado de seus filhos. Com esta realidade surge a oportunidade de incorporar a literacia familiar no cotidiano das famílias, e assim incentivar para que as mesmas pratiquem, juntamente com as crianças, momentos de leitura no dia a dia.

“Literacia Familiar é um conjunto de práticas e experiências relacionadas com a linguagem, a leitura e a escrita, as quais a criança vivencia com seus pais ou cuidadores”.

---

<sup>1</sup> Acadêmica Bolsista Pibid URI- Câmpus de Frederico Westphalen – RS – *e-mail*: brunaspica08@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica Bolsista Pibid URI- Câmpus de Frederico Westphalen- RS – *e-mail*: jakedreissouza@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – *e-mail*: rosane@uri.edu.br

(PNA, 2019, p. 9). A literacia familiar tem como objetivo principal estimular a participação dos pais na educação e aprendizagem dos filhos por meio da leitura compartilhada, ou seja, incentivar que a família leia, juntamente, com seus filhos.

Com este entendimento, o grupo do Pibid realizou um aprofundamento teórico sobre literacia familiar, objetivando destacar os benefícios desta prática para as crianças terem um bom desenvolvimento pessoal e escolar, destacando que quando a família lê reunida, estimula a aprendizagem e faz com que a criança tenha mais interesse pela leitura.

Destaca-se que alguns programas foram criados pelo governo para fomentar o hábito da literacia familiar, como por exemplo o “Conta pra mim” que apresenta um guia de práticas e exemplos de como trabalhar a literacia em família, mas é preciso incentivar mais, e por isso o Pibid se propõe apresentar mais algumas ideias, pensando no desenvolvimento desta prática pelas famílias junto de seus filhos.

### **Contextualizando a Literacia Familiar**

Literacia familiar é o conjunto de práticas que auxiliam a criança no processo educacional em casa, com o estímulo e participação dos familiares, a literacia pode começar desde muito cedo, ou seja, desde a gestação da mãe, (BNCC, 2017).

Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. (BNCC, 2017, p. 42).

A literacia familiar convida a interagir com as crianças, através da leitura em voz alta e a estimulação de seu crescimento escolar, por meio de estratégias simples e habilidades básicas (como ouvir, falar, ler e escrever). Por meio da literacia familiar, os pais podem se envolver mais na criação de seus filhos, provocando na família experiências que tornam o ambiente familiar mais rico e cheio de amor.

“Crianças criadas em lares onde os pais promovem a Literacia Familiar se tornam melhores leitores e estudantes mais bem-sucedidos.” (BRASIL, 2019, p. 15). Nota-se que o incentivo e participação dos pais no processo de aprendizagem da criança fazem com que ela desenvolva novas habilidades e aprenda com mais facilidade, se tornando desta forma um estudante exemplar. A família tem um papel fundamental no desenvolvimento da alfabetização infantil, tendo em vista a participação familiar nesta etapa a criança se sente motivada a aprender e buscar mais.

Um ambiente familiar que no seu cotidiano traz hábitos de leitura, torna as crianças mais participativas, mais sociáveis e criativas, pessoas que se colocam no lugar do outro, que possuem uma imaginação fértil e tem mais facilidade em partilhar objetos, espaços e conhecimentos.

Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BNNC, 2017, p. 42).

Tendo em vista os benefícios que a leitura em família traz, vale ressaltar a importância de introduzir livros já nos primeiros anos de vida. A leitura de livros chama a atenção das crianças, e estimula as mesmas a querer ouvir, ler e a fazer os primeiros rabiscos, por isso a importância de ler para uma criança desde muito cedo.

A família deve ter responsabilidade de incentivar e proporcionar a leitura para seus pequenos, esse ato tão necessário e importante não deve se restringir à escola. Proporcionar o hábito da leitura em casa, seja de livros, jornais, revistas, gibis é papel das famílias. A criança precisa manusear e conhecer os livros desde muito cedo, mesmo que ainda não saiba ler o contato com desenhos e sons é muito importante para estimular a leitura.

O Ministério da Educação, através do site “Conta pra mim”, oferece diversos arquivos de livros infantis gratuitos, um material rico com histórias que os pais podem acessar com muita facilidade, além de vídeos, *podcasts*, músicas populares que estão disponíveis nas plataformas digitais para livre acesso de todos.

As histórias são variadas, o material apresenta contos, fábulas, poesias, trava-línguas, entre outros gêneros que as crianças adoram. É muito importante que as crianças ouçam as histórias, olhem os desenhos e estimulem a curiosidade e imaginação. O site possui um material em Libras para que as histórias cheguem até as crianças com deficiência auditiva.

Os pais devem ser os primeiros incentivadores da leitura, pois é na família que deve surgir o exemplo e o estímulo para a criação desta hábito, mas para isso é preciso participação, envolvimento e muita leitura, somente assim as crianças irão se tornar grandes leitoras.

### **Discussão de práticas que fortalecem a literacia familiar**

A literacia familiar é muito mais do que simplesmente ler um livro para uma criança, ela abrange várias atitudes que contribuem para melhor desenvolvimento da leitura e aprendizagem da criança.

Através de uma interação verbal, as crianças tem a oportunidade de conversar e expor seus pensamentos. As práticas de interação verbal acontecem em conversas cotidianas, onde as crianças tem a oportunidade de falar, contar sobre seu dia ou expor algo que as chamou

atenção, é preciso criar e aproveitar as oportunidades no dia a dia para introduzir diálogos que estimulem o desenvolvimento linguístico de seus filhos.

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BNCC, 2017, p. 42).

Neste caso os pais podem oferecer informações, ensinamentos para as crianças através de um diálogo no dia a dia. É interessante apresentar palavras ou expressões novas para as crianças, afim de que estas contribuam ainda mais na alfabetização e na comunicação das mesmas. É importante fazer perguntas as crianças de forma que elas possam se expressar e mostrar seus sentimentos, o diálogo familiar é muito importante e muito rico, tanto para as crianças, quanto para as famílias, pois:

O aumento do diálogo reforça o contato entre pais e filhos, que passam a conhecer mais os gostos e interesses uns dos outros e a ter assuntos em comum. A criança tem a sua autoestima reforçada, pois percebe que seus pais prestam atenção nela e valorizam o que ela tem a dizer. (BRASIL, 2019, p. 24).

É através do diálogo que os pais passam a entender melhor seus filhos conhecem suas vontades, desejos e pensamentos. Este diálogo também pode ocorrer durante a leitura, é importante introduzir perguntas antes, durante e depois da leitura para ativar a imaginação das crianças. “Leitura Dialogada não é o adulto somente lendo em voz alta e a criança apenas escutando! É uma leitura em bate-papo!” (BRASIL, 2019). É muito interessante convidar os filhos para participarem deste momento, para isso é necessário um lugar onde ele possa prestar atenção na história e dialogar tranquilamente.

A leitura pode ser dialogada fazendo com que a criança participe mais, mas há uma técnica muito conhecida e utilizada que é a narração de histórias, onde o adulto conta a história em voz alta para a criança.

Para tornar este momento de narração mais prazeroso pode-se utilizar vários meios, como por exemplo, fantasias, fantoches, imagens, algo que chame a atenção da criança, mesmo que seja o adulto que esteja contando a história pode-se utilizar do diálogo, fazendo perguntas e explorando o conhecimento e imaginação dos pequenos.

A partir da leitura é importante introduzir algumas atividades diferentes onde elas possam “pôr a mão na massa”, como um desenho ou uma escrita.

Já as Práticas da Escrita têm a finalidade de incentivar as crianças, desde de cedo, a exercitarem a escrita, começando com desenhos, passando pelas grafias inventadas, pelas

letras, pelas palavras e pelas frases, chegando, por fim, a textos cada vez mais complexos. (BRASIL, 2019, p. 55).

É preciso tomar cuidado para não oferecer a criança algo que ela não consiga realizar, por isso os pais podem trazer papéis impressos, livros ilustrados, desenhos para elas colorirem, é neste momento que as crianças começam a ter seus primeiros contatos com as palavras, letras, desenhos. Além disso a participação do pai e da mãe neste momento é muito importante incentivando e colaborando com o filho na realização da atividade.

A partir da leitura de um simples livro as famílias podem estimular vários conhecimentos as crianças. Para estimular que as crianças se tornem bons leitores, o melhor que podemos fazer é ler com eles. É importante que a leitura se torne um hábito na vida da criança, um gosto seu e não uma obrigação ou um dever de casa. Neste caso é preciso fornecer bons livros, histórias ilustradas que chamem a atenção deles, contos, fábulas, poesias, contos de fadas ou até mesmo as histórias tradicionais como os Três Porquinhos, João e Maria, Cinderela, Patinho Feio, entre outros clássicos populares que as crianças adoram. A família pode criar um espaço onde seja propício a leitura com alguns livros e brinquedos para que assim a criança se sinta mais confortável.

O papel da família na vida da criança está profundamente relacionado ao seu desenvolvimento escolar, e isso não pode ser ignorado de forma alguma. A família tem a responsabilidade de supervisionar o trabalho escolar dos filhos e colaborar em suas atividades diárias, pois a aprendizagem das crianças não é apenas um dever da instituição de ensino, mas uma ação conjunta entre família e escola. É preciso que os pais acompanhem as dificuldades e o progresso do dia a dia escolar do filho e incentivem os mesmos a aprenderem e buscarem mais, a família tem o importante papel de motivar estas crianças, pois a partir do momento que os pais participam do processo de aprendizagem da criança a mesma se sente mais motivada a realizar as tarefas escolares com mais facilidade e confiança.

As práticas de literacia familiar são muito importantes e devem ser praticadas para provocar o estímulo das crianças, “As práticas de literacia familiar são especialmente importantes para a criança de até seis anos, mas podem e devem ir além, enquanto ela progride nos níveis de literacia com o estímulo e auxílio da família.” (BRASIL, 2019, p. 23). A participação da família não deve ocorrer somente na infância da criança, estas práticas podem ser estendidas ao longo dos anos enquanto a criança assim necessitar, mas é importante salientar que a participação da família na vida escolar dos filhos deve ocorrer por muito tempo, pois é de mera importância acompanhar o andamento da aprendizagem dos mesmos.

Praticar a literacia familiar em suas variadas maneiras é algo que trará benefícios para as crianças, em seu andamento escolar e social, por isso cabe aos pais buscarem e fortalecerem esses laços durante a infância de seus filhos e tornar a literacia familiar um hábito.

## Resultados das Experiências Vividas Junto das Famílias nas Práticas Pibidianas

O Projeto do Pibid teve seu início em outubro de 2020, em meio a uma pandemia mundial, que fez com que a escola, o programa tivesse que se reinventar, utilizando-se para tanto de encontros *online*, de forma síncrona, para apresentar, discutir e planejar as ações dos bolsistas no espaço universitário e da escola campo. Na oportunidade, a coordenadora de área, a supervisora escolar, os professores titulares da escola campo e os bolsistas concluíram que a melhor maneira de atuar seria auxiliando os alunos com mais dificuldades de alfabetização, literacia e numeracia, através de atividades extracurriculares, de cunho mais lúdico e interativo, em turmas de *meet* organizadas e constituídas pelos professores titulares, envolvendo as crianças de 1º e 2º anos, público alvo do projeto.

Neste percurso, foi preciso contar com o consentimento e apoio da família, que em concordando com a criação dos grupos, observaria os dias e horários semanais de *meet* para organizar seus filhos em suas residências para acompanhar as atividades com os bolsistas pibidianos, que tinham como responsabilidade buscar atividades diferenciadas para reforçar as aprendizagens escolares. As atividades eram organizadas e apresentadas nos grupos de *meet* do Pibid, enquanto espaço universitário para serem aprovadas e ministradas, considerando a metodologia de ensino remoto.

Família, escola e os membros do Pibid precisaram se unir, para que mesmo sem as aulas presenciais, os encontros acontecessem pelo *meet* com a participação dos alunos, visando estimular a aprendizagem da literacia e numeracia. Destaca-se que a família teve papel fundamental nos encontros, pois sem o auxílio dos pais as crianças não conseguiriam participar. Essa entrada nas casas dos alunos foi importante para conhecer um pouco mais da realidade familiar dos alunos, que talvez não fosse possível através da atividade presencial.

O envolvimento da família é visualizado nos encontros de *meet*, em que muitos pais acompanham seus filhos durante as aulas e ajudam naquilo que é necessário, para o bom desempenho deles. Dentre as leituras realizadas com os alunos e acompanhadas pelos pais e responsáveis destacam-se o gênero textual poema com “A casa e o seu dono” do autor Elias José; “O relógio que perdeu a hora” de Flávio Colombini. Envolvendo o conto foi utilizado a “Confusão no jardim” de Francisco Verdolim Filho. Poesia narrativa com rimas a partir da leitura de “A natureza” de Jane Prado. A fábula a partir da “A cigarra e a formiga” de Ruth Rocha. O conto “O monstro das cores” de Anna Llenas. O “ABC do trava-línguas” de Elias José. A poesia “Ser criança” de Maria do Rosário Macedo. O poema “Casa e casas” de Regina Villaça e o conto “O grande rabanete” de Tatiana Belinky, foram algumas obras trabalhadas.

Prezando pela continuidade deste acompanhamento e desta parceria entre escola, família e Pibid também foram realizadas reuniões com os pais, a fim de resgatar os objetivos do Programa junto as crianças que encontram-se em pleno processo de alfabetização. Durante a reunião realizada com os pais pode-se perceber a alegria e a gratidão deles

perante os professores que se dedicaram a ensinar durante a pandemia, superando os desafios e levando o melhor deles para a sala de aula virtual, o bom desenvolvimento destes alunos só é possível quando escola e família estão juntas, preocupando-se com a aprendizagem e colaborando com a mesma. As famílias tem papel fundamental no processo escolar da criança e isto é nítido durante as aulas que realizamos, pois os alunos chegam cheios de alegria e entusiasmo para participarem e realizam as atividades. Isto somente comprova que o envolvimento da família é fundamental para um bom desenvolvimento da criança e para seu amadurecimento.

## Conclusão

Tendo em vista os aspectos observados conclui-se que a família tem um papel importantíssimo no desempenho e aprendizagem da criança, com isso o estudo permitiu compreender e realçar o quanto a família é importante e fundamental no processo de desenvolvimento da linguagem e do interesse da criança pela leitura e a aprendizagem num todo. Sendo assim, a escola não é a única responsável pelo desenvolvimento das crianças, entendemos que para o melhor desenvolvimento dos alunos e sua alfabetização família e escola devem andar juntas e colaborar uma com a outra.

Há muito que se pensar ainda sobre a literacia família e o processo de aprendizagem da criança, a criança precisa de um estímulo, este que precisa vir da família e firmar-se através de práticas simples que envolvem leitura, escrita, desenho, para que as mesmas comecem a gostar logo cedo das práticas de alfabetização. A família é a instância que onde as crianças devem encontrar inspiração para um bom desenvolvimento escolar.

Portanto, é necessário que medidas sejam tomadas para incentivar a literacia familiar, cabe aos governantes e escolas chamar a atenção dos pais para ler para seus filhos, mostrando a importância da literacia familiar e seus benefícios para a criança, com o intuito de que a leitura se torne uma atividade que aproxima famílias, estimule a alfabetização e desenvolva o processo de aprendizagem dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Conta pra Mim**: Guia de Literacia Familiar. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>. Acesso em: 12 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Política Nacional de Alfabetização (PNA)**. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/#pna>. Acesso em: 18 mar. 2021.

# O USO DA TECNOLOGIA NA PRÁTICA PIBIDIANA DE ENSINO REMOTO

Diuvana Sommer da Silva<sup>1</sup>  
Luana Brignoni de Oliveira<sup>2</sup>  
Rosane de Fátima Ferrari<sup>3</sup>

## RESUMO

Vivemos em um mundo tecnológico e precisamos saber usar esses recursos de forma correta, aliando-os com o processo educacional. Pensando nisso, esse artigo traz um relato de experiência a partir do uso das tecnologias pelas bolsistas pibidianas no projeto: Vivências formativas de alfabetização, literacia e numeracia para a qualificação da aprendizagem da educação infantil e anos iniciais (1º e 2º ano) no ensino fundamental. A partir das práticas realizadas destaca-se que as ferramentas tecnológicas trazem diversos benefícios e informações que auxiliam na aquisição da aprendizagem, através de sites e jogos educativos criados, especialmente, para ajudar e auxiliar na alfabetização, fazendo com que as crianças aprendam de forma mais lúdica e significativa.

**Palavras-chave:** Pibid. Tecnologia. Sites. Jogos. Alfabetização.

## Introdução

O presente artigo objetiva apresentar alguns recursos tecnológicos para a alfabetização, relatando experiências realizadas junto ao PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, envolvendo a alfabetização, literacia e numeracia, a partir de sites e jogos *online* utilizados na prática pibidiana de ensino remoto, considerando que: “Os jogos educacionais devem atender a requisitos pedagógicos, mas também é preciso tomar cuidado para não tornar o jogo somente um produto didatizado, fazendo-o perder seu caráter prazeroso e espontâneo” (FORTUNA, 2000, p. 21).

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia (URI) - e-mail: a098351@uri.edu.br

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia (URI) - e-mail: luanabrignoni@hotmail.com

<sup>3</sup> Profa. do Curso do Departamento de Ciências Humanas (URI) - e-mail: rosane@uri.edu.br

Os jogos *online* utilizados nas aulas de reforço pelo Pibid, para auxiliar os alunos de 1º e 2º anos do ensino fundamental, em seu processo de alfabetização, literacia e numeracia foram criados especialmente para a finalidade educacional, considerando a importância de ter a mediação de um professor junto ao aluno para obter sucesso no uso correto da tecnologia.

## Contextualização

A tecnologia está cada vez mais avançada e é uma grande aliada no processo educacional de alfabetização, em que os jogos pedagógicos, podem ajudar na aprendizagem das crianças. E os jogos vem sendo um grande aliado aos professores ajudam bastante principalmente nas aulas remotas onde os alunos conseguem apreender e se divertir ao mesmo.

[...] como um instrumento a mais em sua sala de aula, no qual o professor possa utilizar esses recursos colocados à sua disposição. Nesse nível, o computador é explorado pelo professor especialista em sua potencialidade e capacidade, tornando possível simular, praticar ou vivenciar situações, podendo até sugerir conjecturas abstratas, fundamentais a compreensão de um conhecimento ou modelo de conhecimento que se está construindo. (BORGES NETO, 1999, p.136).

Os jogos utilizados na prática pibidiana foram criados pela bolsistas, em um site da internet chamado *Wordwall*. Nesse site existem vários modelos de jogos que podem ser criados, como quebra cabeças, questionários, pares correspondentes, encontrem a combinação e vários outros.

Esses recursos auxiliam os alunos a tornarem-se sujeitos ativos de suas aprendizagens, pois:

Com os jogos, o mundo da criança é revelado, já que ela demonstra sua afetividade e a sua realidade: “na brincadeira, a criança explora as formas de interação humana, aprende a lidar com a espera, a antecipar ações, a tomar decisões, a participar de uma ação coletiva”. (BRASIL, 2007, p. 9).

Os alunos atendidos pelo Pibid, sabendo que ao final de cada encontro de reforço, haveria um jogo relacionado ao que estavam aprendendo, acabavam prestando mais atenção, pois depois poderiam acertar todas as respostas dos conteúdos trabalhados. Essa metodologia auxiliava na fixação do conteúdo, em que os alunos competem para ver quem faz uma maior pontuação nos jogos, diferentemente, da maneira tradicional de ensino.

O jogo como promotor da aprendizagem passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que coloca o aluno diante de situações lúdicas, aproximando-o ao conteúdo vinculado na escola. (KISHIMOTO, 1994, p.13).

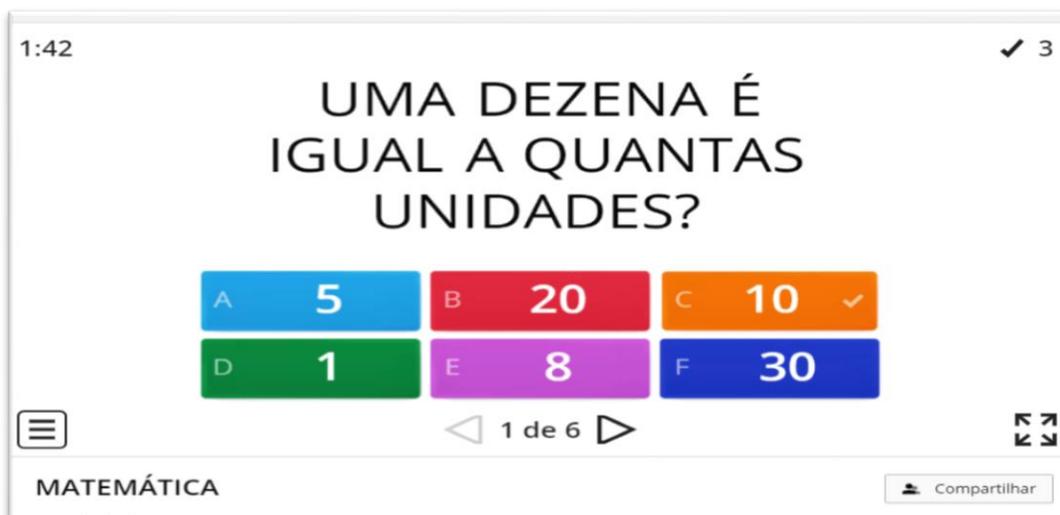
Professores e alunos devem fazer o melhor uso de todos os recursos da tecnologia para a escola, pois ela oferece condições para a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento das práticas educativas, por intermédio da interatividade com o ambiente de aprendizado.

## Discussão

Deste modo, é importante pensar nos jogos como um meio educacional, deixando de lado a ideia do jogo apenas como um ato de jogar, e observando-o como uma ferramenta de ensino-aprendizagem, que facilitam as experiências e promovem o desenvolvimento de competências e habilidades nos alunos.

Para ensinar a numeracia aos alunos dos 1º e 2º anos do ensino fundamental, as pibidianas utilizaram jogos que envolveram as dezenas e unidades, dúzias conforme imagem a seguir:

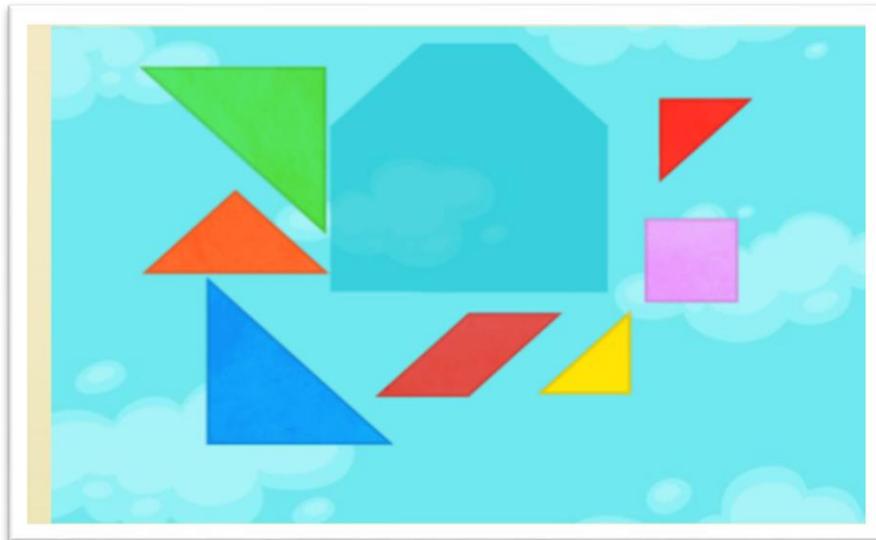
**Figura 1:** Jogo das dezenas



Fonte: <https://wordwall.net/pt/resource/19121483/matem%c3%a1tica>.

O tangram foi outro jogo utilizado nas práticas do Pibid, e teve como objetivo desenvolver o raciocínio lógico, coordenação motora, atenção, memória, concentração e noções de espaço.

**Figura 2:** Tangram



Fonte: <https://games.cdn.famobi.com/html5games/k/kids-tangram/>

A partir do jogo Álgebras matemáticas, foi possível trabalhar de forma mais lúdica, aspectos da numeracia, envolvendo além da própria atividade o tempo estipulado para o jogo.

**Figura 3:** Álgebras matemáticas



Fonte: <https://wordwall.net/pt/resource/16490625/%C3%A1lgebramatem%C3%A1tica-1ano>

Para trabalhar a adição e subtração, de forma divertida, em que os alunos consigam jogar somando e subtraindo utilizou-se do recurso *wordwall*.

Figura 4: Adição e subtração



Fonte: <https://wordwall.net/pt/resource/3456583/matem%C3%A1ticaadi%C3%A3o-e-subtra%C3%A7%C3%A3o>

Durante o jogo os alunos ao mesmo tempo em que brincam, eles também estão tensos, pois querem superar as suas dificuldades.

Na parte da literacia foram utilizados alguns jogos como o das sílabas e dissílabas e stop, em que o aluno teria que encontrar um objeto com determinada letra, escrever em seu caderno, trabalhando assim sua escrita.

Figura 5: Jogo de Palavras



## Resultados

Nota-se que os jogos pedagógicos auxiliam no desenvolvimento da linguagem, psicomotricidade, memória, percepção, representação, envolvendo o lúdico e o concreto, proporcionando o prazer e a vontade de participar das aulas, superando suas dificuldades de aprendizagem.

Os jogos lúdicos auxiliam muito no processo de ensino-aprendizagem podendo ser aqueles construídos pelo próprio professor, ou os digitais pesquisados e analisados e escolhidos pelo docente, considerando que, eles atraem mais a atenção do aluno, e o retorno da aprendizagem será mais imediato e mais aproveitado, visto que tudo que é diferente e novo atrai e prende mais a atenção dos alunos.

Salienta-se a importância do professor buscar conhecer e vivenciar os jogos educacionais, anterior a sua utilização, prevendo o objetivo de sua utilização, bem como os conteúdos a serem trabalhados e a metodologia empregada para tanto, ou seja, realizando um planejamento didático-metodológico deste recurso.

## Conclusão

O processo de ensino-aprendizagem está mudando, principalmente, com o avanço das tecnologias digitais, transformando assim, o perfil dos alunos e a forma como os mesmos absorvem os conhecimentos. Por isso, é importante que as escolas levem para dentro das salas de aula os recursos tecnológicos, contribuindo assim para a internalização dos conteúdos e potencialização do ensino.

A tecnologia tem assumido um papel importante na vida das pessoas, e é exigida da educação uma inovação, na maneira de ensinar baseada na utilização dessas novas ferramentas tecnológicas. Deste modo, o trabalho realizado pelo Pibid, teve como objetivo apresentar fundamentos importantes sobre o emprego dos jogos no processo de ensino, enfatizando que para uma utilização eficiente e completa de um jogo educativo é necessário realizar previamente uma avaliação consciente do mesmo, analisando tanto os aspectos de qualidade, como os aspectos pedagógicos e, principalmente, o objetivo que se deseja atingir.

Ao analisar a possibilidade de um jogo educacional dentro do processo de ensino e aprendizagem devem ser considerados não apenas seu conteúdo, mas também, a maneira de como o jogo apresenta-se, relacionado a cada faixa etária que constituirá o público alvo, a fim de que os jogos eletrônicos, possam ser utilizados com dupla finalidade, a de entreter e possibilitar a aquisição do conhecimento.

Com isso conclui-se que a internet se tornou uma ferramenta indispensável nos dias atuais e de grande importância, pois pode ser uma grande coadjuvadora na alfabetização se usada de forma correta com a ajuda de um professor.

A experiência das pibidianas com os jogos *online* confirmam a importância de aliá-los no processo de alfabetização, e que deve-se fazer com que as crianças aprendam a ter contato com essa ferramenta desde cedo de forma educativa, tendo o professor como mediador.

## REFERÊNCIAS

ÁLGEBRA Matemática 1ºano. Disponível em:

<https://wordwall.net/pt/resource/16490625/%C3%A1lgebramatem%C3%A1tica-1ano>.

Acesso em: 04 nov. 2020.

BRASIL ESCOLA. **As novas tecnologias**. Disponível em: <https://meuartigo.br/brasilecola.uol.com.br/pedagogia/as-novas-tecnologias-alfabetizacao.htm>.

Acesso em: 13 mar. 2021.

EDUCA MUNDO, Equipe Educa mundo. **Por que vale a pena usar jogos eletrônicos na educação**. Disponível em: <https://www.educamundo.com.br/blog/jogos-eletronicos-educacao>.

Acesso em: 13 mar. 2021.

FERNANDES, Juliana da Silva. **A alfabetização e o recurso da tecnologia como instrumento de estímulo ao aprendizado**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>.

Acesso em: 20 set. 2021

PRIMMAZ, Daniele. **O uso da tecnologia na alfabetização de crianças**. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/133993/000979696.pdf?sequenc>.

Acesso em: 13 mar. 2021.

TANGRAM. Disponível em: <https://www.coquinhos.com/tangram-online-para-criancas/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

# O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PIBIDIANAS

Luana Cadoná<sup>1</sup>

Még Julia da Silva de Almeida<sup>2</sup>

Valéria Reichembach<sup>3</sup>

Cecilia Romitti Bondan<sup>4</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como finalidade destacar a importância do lúdico na aquisição da aprendizagem, a partir de pesquisas bibliográficas e da prática realizada no Pibid – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, envolvendo alunos dos primeiros e segundos anos do ensino fundamental. Destaca-se a necessidade do lúdico na aquisição da leitura, da escrita e da construção do número, bem como do uso das tecnologias durante os encontros remotos e também na construção e entrega de recursos lúdicos às crianças, tais como: caixas de leituras com diferentes textos, alfabeto móvel com letras maiúsculas e minúsculas e jogos. Ter o lúdico presente na prática de sala de aula faz toda a diferença, desperta o gosto e o prazer em aprender, favorecendo o protagonismo do aluno e a medição do professor no processo de ensinar e se fazer aprender.

**Palavras-chave:** Lúdico. Educação. Alfabetização. Jogos. Pibid.

## Introdução

O referido trabalho enfoca a importância do ensino e aprendizagem em sala de aula para entender a criança como um sujeito ativo da sociedade e que necessita ser respeitada no seu desenvolvimento. Para tanto, se fez necessário a formação teórica das bolsistas do Pibid na busca por adquirir conhecimentos através do lúdico, no processo de aquisição de

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia (URI). *E-mail:* a096706@uri.edu.br

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia (URI) *E-mail:* a097569@uri.edu.br

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia (URI); *E-mail:* a096519@uri.edu.br

<sup>4</sup> Professora orientadora da escola campo; *E-mail:* ceciliaromitti@uri.edu.br

novas aprendizagens bem como, o desenvolvimento das habilidades físicas e cognitivas na fase da alfabetização, exemplificadas na prática.

A pandemia trouxe novos modelos e conceitos de práticas educativas, alterando também a forma de inserção das bolsistas na escola campo, por isso foram reorganizadas as práticas, a partir da criação de pequenos grupos de alunos de 1º e 2º anos, a fim de reforçar a aprendizagem. Essas atividades acontecem em tempo real, com o uso do aplicativo Google Meet, permitindo que o aluno tire suas dúvidas conforme elas vão surgindo, tornando mais fácil e interativa a comunicação entre as pibidianas e os alunos. As atividades são organizadas com antecedência com o grupo sobre a orientação da professora orientadora da instituição universitária e da professora da escola campo.

Muito se tem falado do conceito de ludicidade, diversos documentos norteiam a temática em pauta, que leva a compreender a importância de ensinar com brincadeiras e jogos, como afirma que: “ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade”. (VYGOTSKY, 1997. p. 62).

Entende-se, ainda, que a criança é uma peça chave na sociedade, devido a isso, é preciso conhecer e compreendê-la como um ser capaz, pensante, que tem suas necessidades cognitivas específicas, devendo aproveitar ao máximo essa etapa repleta de brincadeiras, socializações e interações, bem como o direito à educação com qualidade e equidade efetivado, visando formá-la para futuramente ser um adulto autônomo, criativo, crítico e reflexivo em sociedade.

## Contextualização

Segundo Ferreira (1986), o lúdico abrange o que tem caráter de jogos, brinquedos e divertimentos, ou seja, ele envolve os jogos, brinquedos e brincadeiras. De fato, esses termos relacionam-se entre si, no entanto, seus significados e conceitos são distintos.

O lúdico é uma característica fundamental do ser humano, do qual a criança depende para se desenvolver, para crescer, brincar e para se equilibrar frente ao mundo do jogo. Aprender brincando tem mais resultados, pois a assimilação infantil adapta-se facilmente à realidade (PIAGET *apud* SANTOS, 2001, p. 173).

O jogo é uma estratégia para ser usada como estímulo na construção do conhecimento humano e na progressão das diferentes habilidades operatórias, ele tem sido utilizado como recurso pedagógico, estando presente desde a pré-história, pois já havia sinais de ludicidade diretamente ligados à afetividade, à cultura e ao lazer. Esta prática vem conquistando espaço amplo nas escolas, também como necessidade para o contexto social. As atividades lúdicas visam desenvolver no aluno as suas potencialidades intelectuais, físicas e criativas, permeadas pelo desenvolvimento social e interpessoal.

A atividade lúdica não tem uma faixa etária específica, por esse motivo:

[...] as atividades lúdicas têm capacidade de desenvolver várias habilidades na criança, proporcionando-lhes divertimento, prazer, convívio profícuo, estímulo intelectual, desenvolvimento harmonioso, autocontrole e autorrealização. Não só as crianças são beneficiadas pelas atividades lúdicas, mas também os professores (MALUF, 2014, p. 23).

O lúdico é algo que deve estar presente em nosso dia-a-dia na escola, conforme afirma Rocha (2017, p. 13), “o ato brincar, por ser uma atividade livre que não inibe a fantasia, contribui com o fortalecimento da autonomia da criança e fornece para a não formação e até quebra de estruturas defensivas”.

De acordo com a citação acima as atividades lúdicas tem o poder de transformar aulas maçantes em aulas divertidas e proveitosas, contribuindo assim para a formação de um sujeito mais criativo, independente e participativo na sociedade em que convive.

O Pibid vem proporcionando aos estudantes acadêmicos do curso um contato mais intenso com a realidade escolar e suas complexidades, agregando laços de diálogos entre escola e universidade. Acreditamos que a participação no projeto PIBID, está sendo de suma importância para a formação das pibidianas, ele vem nos possibilitando, mesmo de forma remota o primeiro contato com a sala de aula, reforçando o interesse em continuarmos no caminho da docência.

## Discussão

No programa do Pibid, o uso do lúdico se deu através da criação de material pedagógico para entregar aos alunos, sendo que as crianças poderiam manuseá-los reforçando ainda mais o seu aprendizado. O lúdico também esteve presente nos planejamentos das bolsistas e, posteriormente, sendo colocado em prática nas aulas ministradas.

Em função de estarmos vivendo um momento pandêmico, em que o contato presencial não foi possível, às atividades lúdicas eram organizadas e planejadas para serem ministradas para os alunos de 1º e 2º anos, através do *Google Meet*, de forma síncronas, ministradas pelas bolsistas uma vez na semana.

A seguir estão retratados alguns dos materiais lúdicos criados e a utilização dos jogos on-line nos planejamentos. O primeiro deles foi à caixa lúdica criada para atender os alunos de forma síncrona. As bolsistas do Pibid decoraram caixas de papelão e dentro delas colocaram atividades tais como: sílabas, palavras soltas, textos, rimas e adivinhas. Depois de prontas foram entregues na escola, onde foram encaminhadas para a casa das crianças,

uma vez que se encontravam no sistema remoto de ensino, necessitando muitas vezes de materiais diferenciados e concretos para potencializar suas aprendizagens.

Figura 1: Caixa de leitura



Além da caixa foram confeccionados pequenos textos, com o objetivo de incentivar a leitura, posteriormente enviados para a casa dos alunos junto com os materiais físicos entregues pelas professoras titulares.

Figura 2: Textos





Foi confeccionado também jogo da memória, tendo como objetivo o exercício da memorização, bem como a identificação do traçado das letras pelos alunos.

**Figura 5:** Jogo da memória



Além dos materiais produzidos e enviados para os alunos, também foram planejadas aulas remotas de forma síncrona. Percebendo-se as dificuldades em formação de palavras, foram apresentadas sílabas soltas para que os alunos visualizassem o agrupamento das mesmas, surgindo uma nova palavra. Sabendo que o lúdico desperta o interesse dos alunos, foram utilizadas atividades diversificadas a partir da pesquisa e seleção de jogos em diferentes sites educativos.

A utilização de jogos *online* na educação muito tem favorecido no processo de alfabetização. Essas tecnologias fazem parte do processo pedagógico auxiliando no aprendizado das junções das letras, e a inserção da criança no mundo das palavras, bem como, promover ao aluno, o entendimento de que cada palavra é formada por letras.

Figura 6: Jogo on-line: Cola-sílabas



Fonte: <https://www.escolagames.com.br/jogos/colaSilabas/?deviceType=computer>

O jogo *online* abaixo tem o objetivo de utilização do alfabeto na construção e comparação de palavras, diferenciar vogal de consoante e aprimoramento de leitura e escrita dos alunos.

Figura 7: Jogo online: Letrinhas



Fonte: <https://www.escolagames.com.br/jogos/letrinhas/?deviceType=computer>

## Resultados

A utilização dos jogos do ponto de vista das bolsistas sempre tornou as aulas divertidas e dinâmicas, despertando a curiosidade para o próximo encontro em saber qual seria a nova atividade, isso é percebido quando os alunos pedem determinados jogos, como: jogos de luta e futebol.

Compreende-se que é no brincar que a criança deixa fluir sua imaginação, nas brincadeiras do faz-de-conta, de rodas, histórias contadas que ela aprende a ouvir e se expressar, e isso, conseqüentemente, acarretará grandes benefícios para a vida adulta. Com essa preocupação as bolsistas do Pibid trouxeram para a sala de aula no modelo on-line o uso de jogos envolvendo a numeracia e literacia, reforçando o ensinar e o aprender, em uma tentativa de associar o jogo ao conteúdo, tornando o aprendizado prazeroso.

Através do jogo e do brincar pedagógico as pibidianas vão construindo um elo afetivo, passando às crianças a sensação de segurança e aconchego, propiciando mecanismos para que se sintam bem no ambiente educativo, socializando e interagindo com os colegas. Ressaltamos que na transmissão dos novos conhecimentos, é relevante que o lúdico esteja presente, enquanto a criança brinca, o aprendizado acontece de forma significativa.

É fácil mostrar para as crianças que aprender pode ser divertido. Iniciativas interessantes na escola podem aumentar a criatividade e contribuir para o desenvolvimento dos alunos. Na prática pedagógica, o brincar promove o desenvolvimento das crianças. Segundo Bahiense (2013, p. 48) “sem a presença do lúdico, dentro ou fora do contexto escolar, em muito a criança perde, já que o ato de brincar exerce tantas infâncias em seu desenvolvimento, contribuindo positivamente”.

Diante do exposto, compreende-se que as atividades lúdicas devem ser realizadas não somente nas escolas, com professores e alunos, mas também em casa, ou no parque, com a família e/ou amigos sem ser um ato de cobrança. Isto é, existem atividades muito simples que auxiliam esse processo de desenvolvimento, como por exemplo, brincadeiras com areia, terra, plantas, água, caixas de sapato, brinquedos, entre muitas outras opções que tornam uma criança criativa e conseqüentemente muito mais feliz, pois as coisas simples, são interessantes a elas também. Um aspecto que pode ser observado em relação a isto, é que a criança pode se desenvolver brincando e se divertindo, em qualquer ambiente, tudo parte da maneira como a imaginação for instigada a funcionar.

Os jogos e brincadeiras são apresentados e criados pelo professor, levando em conta ideias e as necessidades dos alunos, a interação entre eles, mostrando que brincar está relacionado a socialização, autoestima, cultura, imaginação e criatividade. Vários jogos ajudam a melhorar a qualidade das atividades de ensino.

As crianças atendidas pelas pibidianas, em sua grande maioria estão no processo de consolidação da alfabetização. O ato de alfabetizar sempre foi alvo de muitas reflexões,

assim, arquitetar um espaço com maneiras variadas de ensino e dedicar mais tempo para que os educandos se alfabetizem por meio de atividades que lhes forneça diferentes formas de compreender e melhorar o aprendizado da leitura e escrita, deve ser um compromisso, considerando, que em nome da educação formal as crianças absorvem cada vez mais cedo conteúdos que as traz prazer e satisfação, enquanto para aquelas atividades pouco criativas e inteligentes no espaço escolar, dificultam assim, o seu processo de alfabetização. O jogo entra neste espaço como integrador, facilitador da aprendizagem, reforço positivo, desenvolvendo o processo social de comunicação e expressão, construindo o conhecimento; melhorando o comportamento e a autoestima e explorando a criatividade.

Durante os encontros *on-line* percebeu-se a necessidade de cada vez mais proporcionar aos alunos o brincar pedagógico como ferramenta educacional, eles acabam respondendo de forma prática e dinâmica os conteúdos apresentados no planejamento, que vêm reforçando a alfabetização, já que são alunos de primeiros e segundos anos, tiveram uma defasagem na aprendizagem. Em virtude da pandemia mais do que nunca foi possível perceber o quanto à escola é importante para esse processo e de quanto o socializar faz parte deste momento.

### **Considerações finais**

Durante os encontros com as crianças observou-se que os aprendizados estão sendo significativos, pois ocorre a troca de conhecimentos, visualizando a importância de sempre trabalhar o lúdico associado ao conteúdo. Diante disso, tem-se enfatizado e destacado as diversas possibilidades da educação por meio dos jogos, cumprindo assim de fato a missão da educação que é educar as crianças desde cedo de maneira prazerosa e conseqüentemente mais significativa e consistente.

O programa Pibid proporciona experiências com a realidade escolar, mesmo que de forma remota possibilitando a familiarização com o ambiente de estudo desde o primeiro ano da graduação como elemento básico de formação inicial voltado para a prática.

Essas experiências favorecem diversas situações de aprendizagem aproximando escola e teoria com o objetivo de incentivar a iniciação à docência por meio de ações didáticas pedagógicas. Essa inserção das pibidianas na escola campo vem auxiliando na formação pedagógica ao longo do curso, é uma maneira de estreitar relações entre escola e universidade.

Além de contribuir para a formação de futuros professores, o programa do Pibid, auxilia no processo de ensino-aprendizado para os alunos que possuem mais dificuldade em se tratando da numeracia e literacia nos primeiros e segundos anos do ensino fundamental, possibilitando também aos licenciados um contato mais profícuo com os alunos da escola e com a realidade da Educação Básica. Enriquecendo a sua formação através das experiências vividas, nas atividades planejadas e no embasamento teórico.

## REFERÊNCIAS

CREPALDI, Roselene. **Programa ludicidade**: uma proposta para construção de política pública para a infância. São Paulo: Libra Três, 2006

DIAS, Isabel Simões. **Desenvolvimento na primeira infância**: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/483/288>. Acesso em: 07 jul. 2016

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Atividades lúdicas para educação infantil**: conceitos, orientações e práticas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MELO, Marinele Ferreira. **Importância do lúdico na educação infantil**. Rio Grande do Norte: Marcelino Vieira, 2016.

ROCHA, Pâmella Suzetty Vieira de Sousa. **A importância do lúdico na educação infantil**: uma análise a partir da concepção de professores. 2017. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba Centro de Educação, Alagoa Grande, 2017.

SOARES, Jiane Martins. **A Importância do Lúdico na Alfabetização Infantil**. Disponível em: <http://planetaeducacao.com.br/portal/imagens/artigos/diario/ARTIGO%20JIANE%20JOGO1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis: vozes, 2001

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **Brinquedo, Aprendizagem e o Desenvolvimento da Inteligência Reflexiva**. Temas em Educação I – Livro das Jornadas 2002. Curitiba: Futuro, 2002.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Fundamentos da Defctologia**: Obras Escogidas V. Madri: Visor, 1997.

# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA NA PRÁTICA PIBIDIANA

Maria Luiza Bueno dos Santos <sup>1</sup>

Lisya Korssak Freire<sup>2</sup>

Rosane de Fatima Ferrari<sup>3</sup>

## RESUMO

O objetivo desse escrito envolve o relato da prática pibidiana no processo de Alfabetização e Letramento nos anos iniciais do ensino fundamental, em tempos de ensino remoto. Neste percurso, inicialmente, explorou-se de que maneira ocorre a ação docente nessa fase da educação básica e a importância da integração de ambos os processos de Alfabetização de Letramento em sala de aula, contando para tanto com o depoimento de professores atuantes na área. Na sequência descreve-se as experiências vivenciadas pelas acadêmicas bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), junto a grupos de alunos de 1º e 2º anos, atendidas pelo projeto.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Ação docente. Anos iniciais. Pibid.

## Introdução

Diante da temática envolvida no Projeto do Pibid: Vivências formativas de alfabetização, literacia e numeracia para a qualificação da aprendizagem da educação infantil e anos iniciais (1º e 2º ano) no ensino fundamental, torna-se fundamental compreender o que se entende por alfabetização e letramento e foi essa a primeira experiência vivenciada no programa, a partir de grupos de estudos envolvendo autores como Rangel (2008), Danyluk (1994) e Wiggers (1994) sobre como ocorre o processo de aquisição da Linguagem e a importância da ludicidade e participação constante dos

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia (URI) – e-mail: a097587@uri.edu.br

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia (URI) – e-mail: a096539@uri.edu.br

<sup>3</sup> Profa. do Curso do Departamento de Ciências Humanas (URI) – e-mail: rosane@uri.edu.br

métodos sobre o letramento com Brandão e Rosa (2010). Como também, a Alfabetização em consonância com o Letramento por Soares (2017), Colello (2005), Kleiman (2003). As questões que envolvem a dimensão cultural do aluno no convívio com o outro e sua formação como sujeito social por Iturra (1994), Rodrigues (2002) e Amodeo (2002). Sobre habilidades que extrapolam o estudo sistêmico de decodificação e codificação de palavras com Scholze e Rösing (2007). Também, foram utilizadas reflexões analógicas sobre o pensamento de alguns autores importantes como Gontijo, Costa e Perovano (2020), Sardinha, Azevedo e Palhares (2006), em razão da estruturação dos processos de Alfabetização instrumental nos anos iniciais. Também as perspectivas de alfabetização de órgãos como UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e a PNA - Política Nacional de Alfabetização.

A segunda etapa do desenvolvimento do projeto do Pibid incluiu conhecer a prática da alfabetização e letramento de professores do Ensino Infantil e Anos Iniciais do Ensino fundamental da escola campo do projeto, explorando como se configura a integração da alfabetização e letramento no processo de ensino e aprendizagem, respeitando os estágios dos escolares, seus objetivos para com a formação da criança e a base letrada que a mesma deve constituir antes mesmo da sua alfabetização formal, que faça sentido para a criança em sua integração social, como sujeito crítico e efetivamente letrado.

Diante dos estudos teóricos e dos diálogos com os docentes da escola campo, surge a necessidade da prática pibidiana de alfabetização e letramento junto aos alunos de 1º e 2º anos, atendidos pelo projeto, resultando em elaborações de atividades lúdicas de reforço, ministradas em encontros remotos via *meet*, de forma síncrona, pelas acadêmicas bolsistas do Pibid.

## **Contextualizando a Alfabetização e Letramento em Grupos de Estudo**

O processo de alfabetização compreende uma parcela primordial do aprendizado, no que se refere ao desempenho efetivo futuro do indivíduo e sua atuação na complexidade que envolve a atividade social. O processo de aprendizagem compreende inúmeras etapas que se configura

[...] como um ato natural, onde o ser humano tem a possibilidade de desenvolver sua real inteligência e o educador pode contribuir para que a apropriação do sistema de representação das linguagens, convencionalmente adotada pelos homens, seja adquirida de forma significativa [...]. (WIGGERS, 1997, p.166).

A alfabetização é um fenômeno que não deve ter um fim em si, devendo ser dotada de sentido e significação sobre o que se está aprendendo. Tendo em vista que, o aluno só internaliza aquilo que se mostra presente em seu cotidiano e faz sentido na sua realidade concreta. Então, a essência da teorização deve englobar a pragmática necessária, ou seja, um

uso concreto na sua vivência, isso proporcionará um aprendizado com a parcela de identificação e ludicidade necessária ao aluno, despertando no mesmo a vontade de aprender, visto que “É brincando que as crianças participam do mundo adulto e aprendem suas características” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 21). Essa prática de proximidade do estudo com a realidade social que envolve a criança se dá a partir do Letramento, dessa forma o

Letramento diz respeito ao estado ou condição de desenvolvimento humano capaz de fazer com que uma pessoa possa ler e escrever, por isso, o conceito de alfabetização é maior do que a condição de interação, pois, por meio desta prática permite às pessoas interagirem com diferentes grupos e em diferentes situações. (SOARES, 2017, p. 7).

O fenômeno do letramento engloba uma prática que possibilita a criança interagir com a sua aprendizagem, compartilhando significados particulares com os demais colegas, ressignificando esses a partir da interação mútua que o processo de aprendizagem fundamentado no Letramento proporciona. Portanto,

A alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de usá-lo para ler e escrever, ou seja, o domínio da tecnologia, - do conjunto das técnicas - para exercer a arte e a ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se Letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade para ler e escrever para atingir diferentes objetivos. (COLELLO, 2005, p. 3).

A ação pedagógica que compreende um aprendizado efetivo para a criança, precisa compactuar com a união da Alfabetização e Letramento desde o princípio da formação do indivíduo. Visto que, antes mesmo de adquirir o código linguístico, ou seja, os sistemas de representações dos sons da fala, a criança já convive com essas representações simbólicas em seu cotidiano, assim o processo de letramento “[...] passa a ser entendido como um longo processo que começa bem antes do ano escolar em que se espera que a criança seja alfabetizada e consiga ler e escrever pequenos textos” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p.20).

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos do mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos, (alfabeto, numérico) processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. (KLEIMAN, 2003, p.20).

O papel secundário que é atribuído aos processos de letramento nas escolas, resulta em uma atribuição artificial do processo de alfabetização pela criança, o que intensifica a

dificuldade de concretizar o objeto do conhecimento focal (codificação e decodificação de palavras), o qual visa obter algum tipo de resultado não contextualizado para ela. Por isso, a importância do letramento antes mesmo da inserção da criança na alfabetização formal, já que sua função social possibilita ao aluno interpretar mais que um som ou uma letra, mas o significado total do que está aprendendo. Dessa maneira o letramento é o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2003, p.39).

Dessa maneira, o processo educativo deve compreender uma dimensão lúdica, cultural, social e afetiva, para que assim a criança compreenda o significado da incorporação dos símbolos e significativos criados ao longo da história pelos seres humanos que permeiam essa relação criança e mundo. Na visão de Kleiman (2002, p. 103)

[...] Na concepção que enfatiza a dimensão social dos usos da língua se considera que o domínio das letras pelo aluno corresponde apenas aos aspectos de instrumentação. E, quando o aluno conhecer as funções sociais dos textos escritos, perceberá mais facilmente a necessidade de adquirir o código para poder ler e escrever independentemente; ou seja, ele conseguirá encontrar funções que tornem valiosa a aquisição desse instrumento.

A partir dessa percepção, os objetos de estudo e materiais que envolvem a dimensão linguística devem ser presentes desde cedo no cotidiano e vivência escolar da criança. Como livros que englobam conteúdos lúdicos de diferentes gêneros introduzindo o aluno nas diferentes formas de comunicar-se e se relacionar com o mundo que o cerca. Essa metodologia corrobora para a inserção prematura da criança no mundo letrado, facilitando dessa maneira, a ação futura do indivíduo, como sujeito capacitado e preparado a enfrentar as divergentes situações e problemas encontrados no âmbito do convívio em sociedade. Assim,

Ler e escrever não são apenas habilidades estabelecidas em torno da decodificação; muito mais do que isso, saber ler e escrever significa apropriar-se das diversas competências relacionadas à cultura orientada pela palavra escrita, para dessa forma atuar nessa cultura e, por decorrência, na sociedade como um todo (SCHOLZE; RÖSING, 2007, p.9)

Dessa forma o que abarca a educação nos anos iniciais é muito mais complexo do que um mero estudo da representação gráfica da fala (palavra) pura e simplesmente, sua gráfica ou seu fonema. É um aprendizado que compreende a sociedade de uma forma múltipla que consegue reunir tanto a realidade coletiva quanto a particular, trazendo para sala de aula (ambiente formal de aprendizagem) um significado e uma marca do aluno. Tendo isso em vista, o conteúdo proferido na Educação Infantil e Ensino fundamental possuem objetivos distintos, mas complementares na sua prática. O resultado que visa obter-se do aluno e para o aluno, deve permear na sua base metodologia e curricular o Letramento em consonância com a alfabetização, como redige Soares (2002) “a questão é alfabetizar letrando [...]”.

## **Discutindo a Experiência da Alfabetização e Letramento com as Docentes da Escola Campo**

A partir dos encontros no grupo de estudos do Pibid, sentiu-se a necessidade de dialogar mais com as docentes da escola campo, para isso foram agendados encontros pelo *meet*, de forma síncrona, envolvendo a coordenadora de área, supervisora escolar, acadêmicas bolsistas e professoras dos 1º e 2º anos do ensino fundamental, a fim de compreender o processo de letramento e alfabetização.

A partir disso, objetivando analisar como ocorrem as práticas de Alfabetização e Letramento na Educação Infantil e Ensino Fundamental, de forma que essas sejam complementares no processo de aprendizagem dos alunos, a partir de uma ação docente articuladora e transversal do ensino, sendo essa primordial no contato pedagógico em relação aos anos iniciais. Nesse percurso buscou-se saber: Qual a importância da Alfabetização e do Letramento? Qual dessas práticas são priorizadas nas suas aulas e por quê? Também foram solicitados alguns exemplos de práticas presentes nas suas aulas que articulem Alfabetização e Letramento.

Neste percurso, as docentes registraram a importância do planejamento e seleção de materiais desde a educação infantil, visando englobar a atividade textual, considerando que tanto conteúdos orais, como escritos são muito importantes, quando se apresenta como estímulo visual e fonológico para a criança, para que nos anos posteriores, possa ocorrer um empenho e desenvolvimento efetivo da comunicação escrita e oral do aluno já familiarizado com esse mundo.

Outro destaque realizado pelas docentes frente ao processo de alfabetização e letramento, registrando que na prática os dois processos são indispensáveis e devem envolver “a contação de histórias e as músicas, pois estimulam as crianças a participarem do momento de aprendizagem, instigando a curiosidade e isso contribui para formação leitora da criança e auxilia na alfabetização.” Registrando ainda que “na utilização das histórias e músicas, a criança vai adquirindo prazer na construção da sua aprendizagem, formando seres curiosos e capazes. E também, promovendo momentos assim, que os alunos desenvolvem suas potencialidades”. (informações verbais).

Além das professoras ensinarem como são as letras, o seu som, sua correspondência gráfica, incentivam as crianças a exporem aquilo que aprenderam, utilizando-se da ludicidade, considerando que o ensino precisa ser inovador, divertido e significativo.

Em razão desses diferentes pressupostos, alguns educadores receiam a antecipação de práticas pedagógicas tradicionais do Ensino Fundamental antes dos 6 anos (exercícios de prontidão, cópia e memorização) e a perda do lúdico. Como se a escrita entrasse por uma porta e as atividades com outras linguagens (música, brincadeira, desenho etc.) saíssem por outra. Por outro lado, há quem valorize a

presença da cultura escrita na Educação Infantil por entender que para o processo de alfabetização é importante a criança ter familiaridade com o mundo dos textos (SCARPA, 2006, p.1).

Uma das professoras elegeu como a prática priorizada em suas aulas,

A alfabetização, porque as crianças aprendem as letras do nome, as vogais, aprendem os sons dessas letras, e assim vão identificando as letras do alfabeto fazendo comparações com as letras que tem nas palavras dos livros de histórias que olham, e assim estão se preparando para a alfabetização e o letramento. (informação verbal).

Ela também cita o letramento, mostrando que mesmo sendo a alfabetização a sua priorização, este está estritamente interligado a sua prática. Fazendo-se presente em suas aulas e na interação e identificação da criança com o mundo das palavras. Outro fator recorrente é a utilização de histórias e textos, envolvendo mais a criança no processo de leitura e na decodificação das letras. A professora destaca também, práticas utilizadas em suas aulas articulando a alfabetização e letramento, envolvendo “atividade sobre o nome próprio, contação de histórias mostrando as imagens e instigando os alunos a recontar, apresentando as vogais e o alfabeto sempre de forma lúdica para que a criança tenha interesse na atividade que está sendo feita.” (informação verbal)

É importante deixar a criança expor suas ideias e imaginação, continuou a professora destacando que deve envolvê-las em uma situação de imaginar e recontar a história, tendo em um primeiro momento, as imagens como referência, tendo como objetivo atrair a atenção e a curiosidade dos alunos, instigando-os a querer mais e participar mais, não sendo desgastante ou desanimador para elas.

No que constitui a prática de alfabetização e letramento no ensino fundamental, é uma etapa que complexifica o sistema de aprendizagem do aluno, pois introduz um novo elemento, o processo formal de Alfabetização nos primeiros anos do Ensino fundamental, com expectativa de conclusão até a 3ª série. Segundo a PNA (2019, p.32) “Embora na educação infantil a criança deva adquirir certas habilidades e competências relacionadas à leitura e à escrita, é no ensino fundamental que se inicia formalmente a alfabetização.”

Dessa forma, os profissionais da educação devem respeitar esse período que concerne a transição entre uma realidade escolar mais concreta à outra mais abstrata. Por conta disso, é importante que a criança resida de uma bagagem minimamente necessária dos processos informais de alfabetização realizados na Educação Infantil. “[...] a alfabetização é fundamental para o letramento, e vice-versa [...]. (UNESCO, 2010, p. 71).

Para isso a prática de Alfabetização docente deve estar fundamentada numa perspectiva de um aluno letrado e preparado para uma segunda etapa de sua capacitação. Isso requer um reconhecimento sobre a importância do que está aprendendo, por isso, nesse

contexto, a alfabetização nunca deve desvincular-se do Letramento. Como afirma outra professora do Ensino Fundamental abordada:

Entendo que a alfabetização seja a base para a construção da educação, auxilia no desenvolvimento da leitura, da escrita e também da comunicação em geral... O letramento se ocupa da escrita adquirida para resolver e facilitar nossos "problemas", sendo assim, as duas práticas são importantes e devem caminhar lado a lado no processo de aprendizagem. (informação verbal).

Assim, visualizou-se a importância dessa intersecção de práticas de Alfabetização e Letramento em sala de aula para as professoras. Cada uma dessas, com suas específicas funções no que diz respeito à formação individual e correlacionada da criança, e que se complementam no dia a dia do aluno e na absorção do seu aprendizado. Dessa forma, quando indagada as professoras sobre quais práticas, são priorizadas em sala de aula, afirmaram que "Priorizo o trabalho com as duas práticas, pois acredito que assim é possível inserir o ensino da linguagem: leitura, interpretação e escrita, no contexto cultural do aluno." (informação verbal).

A partir dessa constatação, pode-se compreender que se faz fundamental englobar o contexto cultural aos processos de aquisição da Linguagem, tendo em vista que, assim o aluno será capaz de agir de forma crítica e consciente sobre suas ideias e ações futuras na sociedade, como um sujeito que tem sapiência sobre o impacto e o significativo que carrega a aquisição desses símbolos. Todavia, "Essa montagem conceitual não se expressa nos objetivos que são traçados para os anos iniciais do ensino fundamental, porque a "palavra" continua a ser unidade de ensino privilegiada." (GONTIJO; COSTA; PEROVANO, 2020, p. 14).

Esse currículo que acaba privilegiando o estudo limitado da palavra como um código simplesmente com um fim em si mesmo faz com que o indivíduo desconheça a real proposição do que está aprendendo, apenas reproduzindo sistematicamente de forma alienada um conjunto de formas abstratas. Isso ocorre, muitas vezes, pela pressão da família sobre os resultados concretos da escrita e leitura dos filhos, como se a função da escola fosse reduzida apenas a Alfabetização nos anos iniciais, todavia,

Se a ênfase é na análise linguística, a produção e a leitura de textos e, conseqüentemente, a alfabetização como processos de produção de sentidos são secundarizadas, postergadas para um momento em que as crianças já passaram pelo processo básico (alfabetização), [...] tal compreensão do processo de alfabetização é um enorme retrocesso com relação aos estudos da linguagem." (GONTIJO; COSTA; PEROVANO, 2020, p. 13).

Ou seja, essa demanda específica por parte da família, é uma atitude destrutiva no que se refere a evolução saudável e gradual da criança. Ao ponto que, cada indivíduo possui

suas particularidades, e um tempo próprio para o aprendizado, a exigência por parte dos pais de possuírem um resultado imediato da criança no que condiz a sua alfabetização concreta, gera uma pressão desnecessária e não uma absorção efetiva do objeto de estudo, ou seja, o exercício e desempenho da criança, como sujeito consciente e crítico, tendo em vista como e por que agir de determinada forma na sociedade que está imbuído. Assim, quando interrogado a professora que práticas de Alfabetização e Letramento permeiam sua ação em sala de aula,

Desafiar os alunos a escrever por conta própria, textos de complexidade adequados ao seu estágio de alfabetização. Leituras de textos, também adequados ao nível de cada aluno: listas, cartazes, placas... São alguns exemplos que uso no meu planejamento. (informação verbal).

Ou seja, ela inclui no cotidiano escolar dos alunos a leitura de textos de diferentes fontes e gêneros textuais. Dessa forma, constituindo a prática do letramento em suas aulas, ela contribui para a desenvoltura e reconhecimento do aluno sobre as diversas formas de amostragem e expressão que permeiam a sociedade e a relação desse com o mundo. Essas leituras tem a proposição de formar um indivíduo que não apenas aprendeu a decodificar e codificar palavras, como também, o significado desse processo.

### **Resultados das Experiências Vividas com os Alunos de Anos Iniciais**

A partir do diálogo com as docentes de anos iniciais, apresentando o projeto do Pibid, envolvendo a alfabetização, numeracia e literacia e com o advento da pandemia da Covid-19, em que os professores tiveram que se reinventar, porque não estavam familiarizados ao ensino remoto e ao uso das tecnologias voltadas a educação formal, foi solicitado aos bolsistas que ingressaram no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em 2020, que organizassem atividades diferenciadas e lúdicas, para trabalhar com alunos de 1º e 2º anos, com dificuldades na aprendizagem, afetados pelo ensino remoto em seus primeiros anos de inserção na educação formal.

Diante do pedido das docentes da escola campo e da necessidade de dar sequência ao projeto do Pibid de forma remota, as bolsistas iniciaram suas pesquisas por atividades de alfabetização, literacia e numeracia, que eram apresentadas nos encontros do grupo com a coordenadora de área e supervisora, para análise e aprovação e, posterior prática ministrada de forma *online* e síncrona, para grupos de alunos organizados e constituídos pelas professoras titulares, com consentimento e a colaboração dos pais, para efetivarem os exercícios junto às crianças.

As atividades envolviam leitura de histórias, vídeos e jogos realizados em plataformas como *WordWaal* e Kahoot, que serviam para elaboração de vários jogos com diferentes temáticas e layouts disponíveis, trabalhando de forma lúdica e interativa, podendo ser

observada a evolução da aprendizagem dos alunos, sua empolgação e desejo de participar dos encontros.

Nos encontros semanais do Pibid com a coordenadora e a supervisora do projeto eram avaliados os encontros com as crianças, para o planejamento das próximas atividades tendo como base as dificuldades de cada aluno(a), suas necessidades e níveis de aprendizagem. A partir dessa prática foram sendo percebidos avanços no desenvolvimento dos alunos, com rendimento favorável, percebidos através das metodologias interativas utilizadas, visando à alfabetização, mas que tivesse a interlocução com abordagens de letramento.

Os alunos sempre foram vistos como protagonistas do processo, falando, expondo sua opinião sobre o que está aprendendo, pois a aprendizagem só acontece, se o conteúdo que está sendo abordado tenha fundamentação real e concreta para esse indivíduo envolvido no processo de ensino-aprendizagem. Ele precisa enxergar os usos do que se aprende, então sempre eram incluídas atividades de escrita, produção de frases ou textos curtos, considerando elementos do cotidiano ou obras e materiais conhecidos.

A interpretação do que se lê, nessa perspectiva de “alfabetizar letrando” é muito relevante, pois não basta aprender o código escrito, sem visualizar a razão e produzir reflexões sobre o que se está lido ou escrito. O indivíduo que aprende precisa ser um sujeito crítico, que promova mudanças e não apenas um decodificador de códigos preestabelecidos.

## **Considerações Finais**

A partir dos argumentos supracitados conclui-se que, a alfabetização e o letramento são necessários para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com qualidade. Como também, para uma compreensão além do ler e escrever, a criança deverá ter a possibilidade de construir compreensões significativas para si, fazendo uso desse objeto na sua relação com os demais.

Cada uma das professoras entrevistadas, definiu as práticas de articulação entre alfabetização e letramento como essenciais em suas aulas, citando a importância de cada uma delas. Como processo de alfabetização que prioriza situações de teoria e prática, o letramento intensificando esse processo e progredindo o aprendizado nas crianças, sendo algo constituído de significação. Isso tudo, torna a criança, um ser capaz de opinar e ter conhecimento sobre a tecnologia da escrita, um ser crítico e capaz de estabelecer relações com a sociedade. Sendo inserido num mundo que está sempre pleno de processos e construções. Podemos entender que não é só nas escolas que a criança compreende o mundo a sua volta, mas desde sua constituição primária, sua vivência com familiares e amigos e todas as relações que atribui ao mundo desde o nascimento.

Comparando as vivências das professoras, com as citações dos autores e a nossa própria experiência nas aulas de reforço remotas, vemos como o processo de alfabetização

e letramento é concretizado no ambiente de ensino formal. Pois, incentivam o aluno a utilizar da escrita e leitura, desafiando-os na produção de textos orais e escritos referentes aos seus estágios de aprendizagem. Fazendo das tecnologias como músicas, livros *online* e o principal que é a ludicidade um importante fator de evolução na Alfabetização. Todos esses aspectos que interligam e articulam a Alfabetização ao letramento fazem parte de um ensino qualitativo, como práticas necessárias nas escolas e lares de cada criança.

O Pibid, dessa forma, proporciona-nos experiências práticas sobre as teorias tidas ao longo dos semestres no curso de Pedagogia. Isso, favorece-nos certo valor qualitativo na formação docente, tendo em vista, a oportunidade de interação com as crianças. Através disso, a nossa temática, a Alfabetização e Letramento: uma prática necessária na prática pibidiana, entra em intercomunicação com nossa intervenção com alunos de 1º a 2º ano nas aulas via meeting.

Participamos desse projeto, com propósito de auxiliar as Instituições de Ensino, tanto de formação superior, quanto Educação Infantil e Anos Iniciais da Escola Afonso Pena, sendo essa última, o enfoque na leitura e escrita das crianças. Ao longo desse processo, obtivemos bons resultados e incentivo das famílias para continuarmos exercendo nosso trabalho como bolsistas e professoras das aulas de reforço. Esse estímulo e valoração advindo da comunidade, trouxe-nos imensa satisfação para com a profissão, como pibidanas e futuras docentes.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (orgs.). **Ler e Escrever na Educação Infantil**: Discutindo práticas pedagógicas. 2.ed. São Paulo: Autêntica, 2010.

COLLELO, Silvia M. G. **Alfabetização e Letramento**: repensando o Ensino da Língua Escrita. FEUSP, 2005.

DANYLUK, Ocsana. **Um estudo sobre o significado da alfabetização matemática**. Dissertação (mestrado) – UNESP – Rio Claro (SP): IGCE-UNESP, 1998.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: comentários críticos. Revista Brasileira de Alfabetização, 1(2), 174-190, 2015.

ITURRA, Raul. O processo educativo: ensino e aprendizagem? **Revista Educação, Sociedade & Culturas, Afrontamento**, Porto, n.1, p. 29-50, 1994.

KLEIMAN, Angela . Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, Angela . (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KLEIMAN, Angela. **Alfabetização e letramento**: implicações para o ensino. Revista da FAGED. Universidade Federal da Bahia. n. 6, p. 100-110, 2002. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2778>. Acesso em: 26 abr. 2018. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019. 54 p.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; AMODEO, Maria Celina Bastos. **O espaço pedagógico na pré-escola**. Cadernos Educação Infantil. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SARDINHA, Maria de Fátima Moraes. **Histórias com Problemas**: Uma forma de educar para a numeracia e para a literacia. 2005. 147f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança) – Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho, Braga.

SCARPA, Regina. Alfabetizar na educação infantil. Pode? **Revista Nova Escola**. 189. ed. Fev. 2006. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/alfabetizar-educacao-infantil-pode-422868.shtml>. Acesso em: 01 jun. 2018.

SOARES, M. B. Alfabetização e letramento. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Trabalho apresentado no CT Alfabetização, Leitura e Escrita, 26a reunião anual da ANPED. Poços de Caldas, 2003a.

SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K. **Teoria e práticas de letramento**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

UNESCO. **Relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos**. Publicado em 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001886/188644por.pdf>. Acesso em: 11 maio 2018.

WIGGERS, Verena. Considerações sobre aspectos da iniciação matemática. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.15, n.28, p.157-178, jul./dez.1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10626/10160>. Acesso em: 20 de julho de 2014.

# OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA PRÁTICA PIBIDIANA

Nicole Nardino<sup>1</sup>

Vanessa Antunes Nunes<sup>2</sup>

Cecilia Romitti Bondan<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar os desafios encontrados para o desenvolvimento do Projeto do Pibid no ensino remoto durante a pandemia, tendo em vista que muitos alunos, professores e familiares não tinham uma preparação para o uso da tecnologia, todos sem distinção precisaram se reinventar e criar estratégias para que o processo ensino e aprendizagem acontecesse. Os nossos lares, as nossas rotinas, foram compartilhadas com as rotinas das famílias dos alunos, o nosso espaço escolar, que, diga-se de passagem, era só nosso, de nosso domínio, passou a ter uma plateia de famílias presentes, em sua maioria observando, analisando nos mínimos detalhes e fazendo parte deste. Neste mesmo cenário as pibidianas também compartilham desafios desse novo modelo de ensino, atendendo aos alunos em turno inverso através do *Google Meet*, em pequenos grupos, proporcionando um reforço, uma retomada nos conteúdos trabalhados pela professora titular, em que foram necessários programar e organizar atividades ainda mais atrativas, fazendo o uso de jogos, poesias, caixas de leitura, para tornar a aprendizagem mais criativa e divertida.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Ensino remoto. Desafios. Métodos. Pibid.

## Introdução

Sabemos que a pandemia afetou muitos setores da sociedade, inclusive o da educação, e por este motivo professores, gestores, alunos e famílias tiveram que se reinventar e buscar formas da educação chegar até suas casas. Com este cenário, muitos desafios precisaram ser enfrentados e maneiras inovadoras inseridas. Ainda assim muitos alunos não possuíam as

---

<sup>1</sup> Acadêmica Bolsista PIBID URI-Campus de Frederico Westphalen-RS – e-mail: nicolenardino35@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica Bolsista PIBID URI- Campus de Frederico Westphalen- RS – e-mail: vanessa\_antunes2@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Orientadora da Escola Campo – e-mail: ceciliaromitti@uri.edu.br

ferramentas necessárias para que conseguissem que a alfabetização chegasse até seu lar da forma esperada, com isso aumentando as barreiras dos professores e familiares. Através deste, novas técnicas, como envio de material físico precisou ser utilizado além da tecnologia. Durante estes últimos meses, o ensino remoto passou a ser uma realidade na maioria das escolas do Brasil, através de vídeos, vídeos-chamadas, e plataformas e uso EAD.

Nesse mesmo contexto as pibidianas passaram a trabalhar com as plataformas digitais, onde conseguem ter contato individual com os alunos e pais. Ainda assim, os desafios continuam, pois os pais, professores e gestores, tiveram que se familiarizar com a tecnologia e suas ferramentas, a maioria sem entender muito do funcionamento. Ao longo dos meses, professores obtiveram cursos para poderem se especializar e assim fornecer uma aula de qualidade onde o aluno pudesse aprender mesmo estando longe.

## Resultados

O ensino remoto ou EAD é a modalidade adquirida pelas escolas, com uma estrutura política-pedagógica, que procura englobar de maneira flexível os conteúdos e atividades a serem estudados em cada disciplina e/ou aula com o objetivo de alfabetização à distância. Vale salientar que as atividades remotas não se caracterizam como uma substituição do ensino presencial, as atividades, conceitos e propostas pedagógicas, devem estar de acordo com o nível de aprendizagem do aluno, desta forma as comunicações e mediações devem possibilitar o desenvolvimento e as habilidades previstas.

Hodges e outros (2020) enfatizam que:

O ensino remoto de emergência é uma mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas pessoalmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído.

O ensino remoto tende a proporcionar que professores e alunos tenham um encontro nos mesmos horários ou em horário reduzido da forma presencial, para que ocorra a socialização em tempo real. Assim adquirindo atividades remotas a serem realizadas, respeitando carga horária e planejamento. Isto está sendo possível através das ferramentas digitais, como *Google Sala de Aula (Classroom)*, vídeos-chamadas realizadas pelo *Meet* ou pela plataforma *Zoom*, conforme for adotada pela instituição.

## **Desenvolvimento das Atividades**

Para que não seja interrompido o processo de ensino e aprendizagem do aluno, foi necessário que as atividades não parassem, por mais que sejam remotas. Desta forma os gestores precisaram aproximar mais os professores, dos pais e dos alunos para que assim conseguissem fazer acontecer às atividades. O objetivo das atividades é que não aumente o déficit de aprendizagem, assim os professores oferecem atividades direcionadas aos alunos de acordo com o nível e série e encaminham aos pais, para que estes realizem juntamente com seus filhos em algum momento familiar. Neste momento as alunas do Curso de Pedagogia, contempladas com o Programa Pibid passaram a atender estes alunos em turno inverso com atividades lúdicas, criativas e direcionadas, deixando bem claro que há possibilidades de aprender brincando e interagindo dentro da própria casa e, não somente no ambiente das instituições escolares.

Nesse sentido podemos perceber na fala de Jacob o quanto aluno, professor e aprendizagem precisam estar conectados:

Antes de qualquer mudança nos meus processos didáticos creio que preciso pensar em cada um deles e quais serão as alternativas mais certeiras para garantir o aprendizado sem perder o lado humano/acolhedor/afetivo desse processo (JACOB, 2020)

Todas as atividades realizadas e propostas precisam levar em conta a situação do aluno e da família, se é possível à realização ou não de tal atividade, pois como todos sabemos a realidade das famílias brasileiras não são as mesmas, assim é de extrema importância esta análise crítica antes de elaborar e entregar a atividade. A participação dos pais e familiares das crianças, para que elas tenham o devido apoio e incentivo é de extrema importância.

Neste período de quarentena, para que as crianças e jovens tenham o menor impacto possível no seu desenvolvimento escolar e o calendário letivo não seja comprometido, foi inevitável levar o ensino da sala de aula para dentro das casas dos alunos – inclusive mediante orientação e normatização do Ministério da Educação. (SAE digital, 2021).

## **Experiências Vividas no Pibid, Relatos dos Desafios**

O projeto Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), abre um leque de oportunidades de aprendizados e experiências vivenciadas na prática. Desde o início, em outubro de 2020, vem nos mostrando a realidade escolar, que enfrentamos até hoje, uma pandemia mundial, e os desafios de se reinventar na educação. O tempo para

planejar é algo que caracteriza o Pibid, já que o grupo semanalmente se encontra com a professora responsável pela Universidade e com a professora da escola campo, esses encontros vêm colaborando para o aperfeiçoamento das futuras docentes, com leituras e debates de situações do cotidiano escolar, esse contato que antecede o estágio propriamente dito, se torna indispensável, a familiaridade com os alunos, com a escola e professores, vem colaborando como uma ferramenta norteadora para a construção do profissional docente.

Quando iniciou o projeto, buscávamos atividades, jogos e brincadeiras para enviarmos aos alunos em suas casas, principalmente aos alunos que apresentam dificuldades durante as aulas, pois como visto, a pandemia afetou no aprendizado de algumas crianças. O espaço escolar, mesmo que de forma on-line é um verdadeiro laboratório para as alunas bolsistas, estas são instigadas pela interação e ações que poderão ser realizadas no futuro local de trabalho.

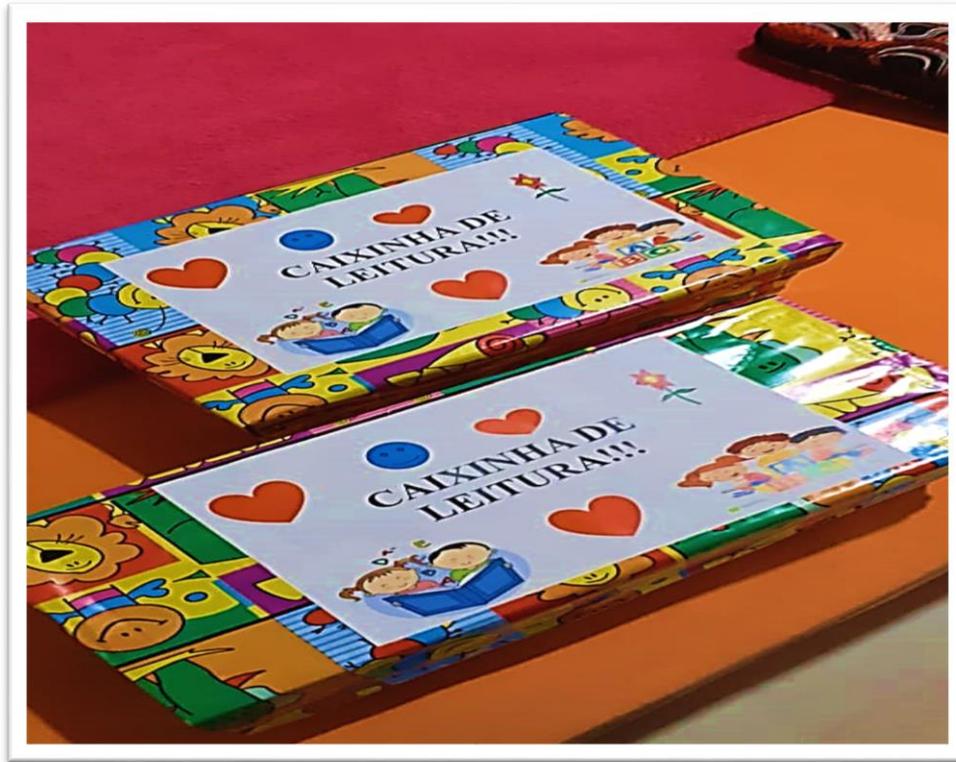
A partir disto, iniciamos um encontro semanal pela plataforma do *Meet*, onde os alunos acompanhados dos pais participam das aulas e assim as pibidianas podem ajudá-los em suas dificuldades, com leituras, interpretações de textos, brincadeiras e vários tipos de jogos lúdicos. Com isso houve um bom retorno dos alunos, que de forma divertida e prática vem aprendendo e ressignificando esse aprender, juntamente com o auxílio dos pais. Durante este tempo, foram produzidos alguns materiais, como jogos de matemática e caixas de leitura, estes são encaminhados à escola campo para serem retirados pelos pais e entregue as crianças, nota-se a importância da família neste contexto.

Mesmo com as dificuldades postas pela pandemia, percebe-se que os pais procuram estar em constante aprendizado na tecnologia, para que seus filhos participam dos encontros on-line realizados pela escola, ou até mesmo por vídeos, situação esta imposta pelo distanciamento social, causado pela pandemia.

Durante os encontros on-line com os pais, é possível ouvi-los e receber os agradecimentos, pois seus filhos estão conseguindo entender e assim perdendo aos poucos as dificuldades que carregavam. Momento de grande satisfação para as pibidianas, pois graças à confiança dos pais, que entregam seus filhos para realizar as atividades, mesmo que de forma virtual, conseguem ter boas experiências e aprendizado significativo.

Foram criados alguns materiais físicos para as crianças manusear durante as aulas síncronas, este material era retirado juntamente com o material da professora titular. A caixa de leitura a seguir, tem o objetivo de formação de palavras e reforço na leitura.

**Figura 1:** Caixa de leitura



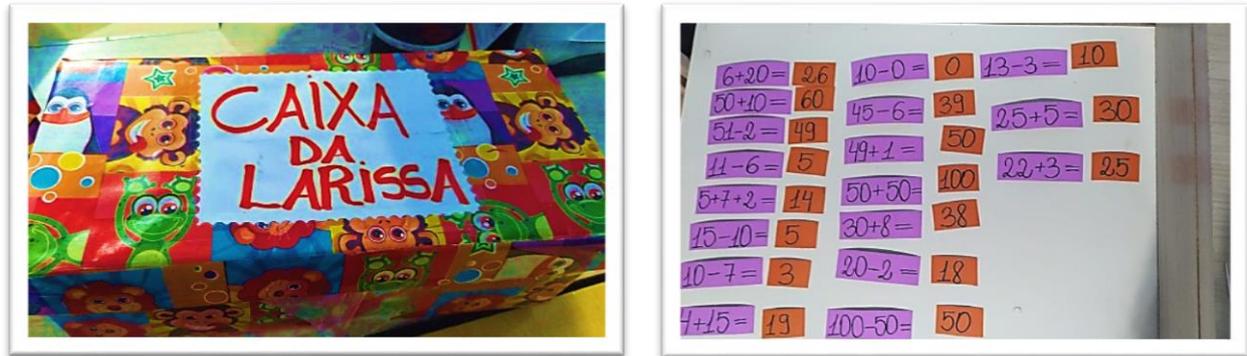
Outro material produzido pelas pibidianas foi a lata, encaminhada pela professora titular para que no dia do atendimento on-line, as crianças tenham esse material em mãos. A partir de uma história qualquer contada oralmente, o (a) aluno (a) retira um disco da lata e responde a pergunta escrita.

**Figura 2 e 3:** Lata da interpretação



Caixa com cálculos de adição e subtração, as crianças fazem os cálculos no caderno e posteriormente encontram o par de resultados.

Figura 4 e 5: Caixa de numeracia



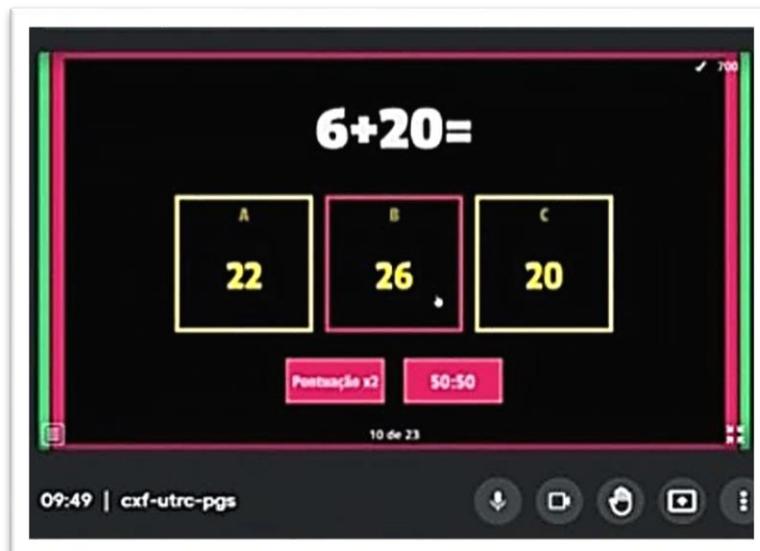
Alfabeto reciclado com tampas de garrafas pet, para que as crianças relacionassem as letras maiúsculas com as minúsculas.

Figura 6: Alfabeto móvel



Jogo lúdico, para as crianças realizarem as contas matemáticas de adição e subtração com o auxílio do caderno ou materiais disponíveis.

**Figura 7:** Cálculos *online*



O jogo pipoca das sílabas desenvolve autonomia para ler e escrever palavras com sílabas iniciais, observando as diferentes formações da sílaba, também pode ser utilizado para formarem pares de diferentes palavras.

**Figura 8:** Pipoca das sílabas



## Considerações Finais

Levando em consideração os aspectos mencionados, percebeu-se que a pandemia ainda presente, trouxe um grande desafio as escolas e famílias, influenciando na educação e na alfabetização de grande parte dos alunos. Visto a dificuldade de gestores e professores em se reinventar e conseguir mudar radicalmente seus métodos de ensino em pouco tempo, a grande maioria deste, sem um preparo, assim como os alunos, pais e famílias, que não obtinham conhecimento das tecnologias, precisaram aprender para poder dar suporte aos seus filhos.

Por outro lado, está sendo uma forma diferente de ensinar e aprender, podendo mostrar as crianças que podemos aprender em casa, junto com os familiares, não apenas no local da escola e, também em algumas ocasiões de uma forma lúdica e divertida. Assim, conclui-se que com as dificuldades ocasionadas pelo distanciamento social, foi possível, mesmo que de forma mais complexa, ter acesso à educação e dar continuidade a alfabetização.

## REFERÊNCIAS

OBSERVATÓRIO de Educação, Ensino Médio e Gestão. **O ensino remoto e as lições à vista**. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/o-ensino-remoto-e-as-licoes-a-vista> . Acesso em: 12 set. 2021.

SAE Digital. **O que são as aulas remotas?** Disponível em: <https://sae.digital/aulas-remotas/>. Acesso em: 12 set. 2021.

# REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: PIBID 2020/2021

Arla Thalia Horn Schwarzer<sup>1</sup>

Sabrina da Cruz Webler<sup>2</sup>

Cênio Back Weyh<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo é resultado de estudos e experiências desenvolvidas no Pibid (2020/2021), tendo como objetivo analisar e avaliar o processo reflexivo sobre a Alfabetização e Letramento em tempos de pandemia da Covid-19, com destaque a turma do 1º Ano do Ensino Fundamental, que se tornou mais intenso neste contexto, bem como os desafios das aulas realizadas de forma remota, via *online*. Até então, as atividades escolares sempre foram presenciais com a participação e auxílio do professor em sala de aula. Com o início da pandemia, as tecnologias digitais passaram a ser mediações pedagógicas fundamentais para o desenvolvimento da sociedade, em especial, da educação escolar. O apoio dos adultos da família passou a ser ainda mais necessário na realização das tarefas escolares com crianças iniciantes na vida da escola. Os novos desafios e dificuldades que as famílias de classe social com poucos recursos enfrentaram, provavelmente repercutirá no processo de ensino-aprendizagem, pois um número significativo de escolares ainda não tem acesso as ferramentas tecnológicas básicas. Na prática, inaugurou-se uma nova forma de comunicação entre educador - educando e, escola - família.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Pandemia. Pibid.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia – Câmpus Santo Ângelo. *E-mail:* arlathschwarzer@aluno.santoangelo.uri.br

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia – Câmpus Santo Ângelo. *E-mail:* sabrina@aluno.santoangelo.uri.br

<sup>3</sup> Professor do curso de Pedagogia e Coordenador de área – Câmpus Santo Ângelo. *E-mail:* ceniow54@gmail.com

## Introdução

O artigo traz com destaque os seguintes aspectos: considerações sobre a inovação/ruptura da vida escolar no 1º ano do Ensino Fundamental; desafios do ensino remoto; condição de trabalho dos educadores e o papel mediador das famílias no processo de ensino-aprendizagem. São questões que compõem um quadro interpretativo capaz de subsidiar reflexões sobre o momento vivido, a volta às aulas e o futuro da educação brasileira.

Ao longo do artigo são explicitadas as inúmeras dificuldades que professores, pais e alunos enfrentaram no início da pandemia e enfrentam até o momento atual. Destaca-se principalmente a carência dos do capital tecnológico, isto é, a falta de uma internet e/ou aparelhos eletrônicos qualificados para conseguir acompanhar as aulas *online*, bem como, a realização das atividades oferecidas pelos docentes, para serem realizadas em casa. Na prática, estas dificuldades percebidas escancararam a desigualdade social, que se agravou no contexto da pandemia. As famílias com certo poder aquisitivo superaram os desafios tecnológicos com menos dificuldades, pois já tinham familiaridade com as ferramentas básicas. No entanto, as famílias de baixa renda sofreram um forte impacto por absoluta falta de condições para acompanhar as aulas no formato remoto: faltava uma linha de internet qualificada, um computador ou celular e, o que faz muita diferença, o acompanhamento dos adultos na realização das atividades.

## Primeiro Ano do Ensino Fundamental

A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental configura-se como uma regra na vida escolar. É um momento no qual o aluno não só é levado a repensar seu vínculo com a instituição de ensino, como também ressignificar a relação com o processo de aprendizagem, com o conhecimento e, particularmente, com a língua escrita (COLELLO, 1999, 2018b). Embora o processo de alfabetização seja um contínuo de aprendizagem que se inicia antes mesmo da entrada na escola (FERREIRO, TEBEROSKY, 1986; COLELLO, 2013; LURIA, 1988; VYGOTSKI, 2000), o ingresso no 1º ano, apoiado pelo imaginário popular, não raro assume sentidos bastante singulares para pais e alunos: “a escola pra valer” ou “o efetivo momento da alfabetização” (TEIXEIRA, 2011).

Quando bem vivido, esse ritual não necessariamente significa uma ruptura no curso da vida escolar, razão pela qual os professores costumam se valer de mecanismos de acolhimento e de orientação para o trabalho pedagógico. Entre eles, destacam-se estratégias de adaptação e de integração da turma, sondagens sobre o perfil social do grupo e de suas linhas de interesse, definição de combinados para a convivência em classe e avaliação dos graus de conhecimento dos alunos.

Neste momento de pandemia (2020/2021), esse processo foi interrompido logo no início do ano letivo pela imposição de distanciamento social e o consequente fechamento

das escolas. O depoimento de uma professora de Cerro Largo, estado do Rio Grande do Sul, ilustra bem a perplexidade do momento: “neste momento de pandemia, percebemos o quanto era bom dar aula presencialmente, agora percebemos o quanto as crianças estão enfrentando dificuldades para aprender. Principalmente quem está no processo de alfabetização, que não consegue se defender totalmente frente às tecnologias, muito menos com a leitura. A nossa reinvenção com atividades está ajudando muito, mas vemos o quanto temos alunos que não aguentam mais ter aulas remotas”.

### **Da Modalidade de Ensino Presencial ao Remoto: a Pandemia Impôs Novos Desafios**

Com relação a todos os desafios relacionados à pandemia da Covid-19, as escolas, juntamente com professores e alunos, tiveram que se reinventar. Desta forma, as aulas que até então sempre foram presenciais passaram a desenvolver-se de forma remota, uma mudança brusca e um tanto desafiadora. Assim, iniciou-se o ensino remoto, ensino este que se tornou virtual e em casa para as famílias manterem o distanciamento social.

A partir daí, famílias e professores passaram a necessitar de todo apoio para se relacionarem com as novas tecnologias de informação e comunicação e principalmente com o emocional, para educar as crianças e os jovens durante este período de pandemia. Segundo Vogel, “Alguns estudantes têm acesso imediato a ferramentas de tecnologia e banda larga e outros não. Alguns se sentem estressados e outros entediados. Alguns ficam doentes, outros não”. (SARA VOGEL, 2020, p. 26).

Desta forma, vale ressaltar que alunos de baixa renda sentiram maiores dificuldades em estudar em casa, pois são aqueles que geralmente não possuem internet, computador, celular, não recebem as atividades repassadas pelos professores e, principalmente o auxílio que estes oferecem durante as aulas por vídeo-chamadas. Tais fatores evidenciam que as diferenças sociais têm sido agravadas no período da pandemia. Quem já estava de certa forma à margem da sociedade, neste momento sentiu os impactos de forma mais acentuada, justamente pela carência material, as condições para amenizar as consequências provocadas pelo necessário isolamento social.

Assim, nota-se a importância do estudo em sala de aula, que além de mais produtivo, permite acesso a todos os alunos da mesma maneira, independente da classe social. Porém, em um momento igual ao que vivemos, sabe-se que isto não é possível. Portanto, cabe aos professores buscar outras maneiras de alcançar êxito em ajudar estas crianças de forma positiva, enviando atividades impressas para que elas realizem em casa.

Além disso, os aprendizados obtidos no ensino *online* são muito inferiores aos adquiridos presencialmente, até mesmo pelo espaço utilizado pelos alunos em casa para aprender, que na maioria das vezes possui poucos espaços adequados e outros aspectos que tiram a atenção dos alunos. Para Oliveira:

A escola torna-se, com esse propósito, a segunda casa do educando. O lugar onde o saber é construído em diferentes diálogos na busca de uma educação de qualidade, responsável por propiciar espaços para o educando se tornar o agente do saber, um sujeito crítico, ciente de seus direitos e deveres, bem como um ser preparado para atuar nos mais diferentes espaços comunicativos. (OLIVEIRA, 2020, p. 55).

Sendo assim, nota-se que a escola exerce um papel fundamental na vida dos estudantes pois ela se torna um ambiente acolhedor e motivador para a construção de conhecimentos e experiências com colegas e professores, fatores que não foram possíveis em virtude da pandemia da Covid-19.

### **Condições de Trabalho dos Docentes em Contexto Pandêmico**

No que compete aos educadores, há que se exaltar o imenso esforço realizado pelos docentes para compensar as dificuldades provocadas no ensino remoto. Um esforço empenhado na apropriação de recursos tecnológicos, na revisão de planejamentos, na construção de propostas didáticas, na elaboração e correção de tarefas e, sobretudo, na adoção de canais de interação com os alunos. Na busca de contato e comunicação entre professores, famílias e crianças, tudo parece legítimo - da sofisticada plataforma da internet ao uso do celular, muitas vezes emprestado por poucos minutos de algum conhecido. A fala de uma professora, traduz sentimentos e frustrações envolvidos nessas tentativas:

Percebemos o quanto o vínculo entre escola e família e sociedade deve ser unido, nesta pandemia. Antes, o que parecia ser um bom vínculo, hoje é pouco. As famílias tiveram que se adaptar, a escola teve o papel fundamental de auxiliar essas famílias. Até hoje vemos como as escolas se viraram para auxiliar os alunos, de diversas formas e metodologias. E com essa pandemia, vimos o quanto é difícil a realidade de muitas famílias brasileiras, muitas sem computador em casa, sem internet ou até sem informação para utilizar as tecnologias na educação. Foi e ainda está sendo necessário uma conversa diária com os alunos e familiares, para eles perceberem a necessidade de estudar, mesmo estando em casa. Temos diversas realidades, escolas com aulas remotas todos os dias via *google meet*, outras escolas que enviaram atividades mensais impressas, principalmente a aqueles alunos sem internet, bem como também a inserção de todos na plataforma do *google classroom* para enviar as atividades. Toda essa realidade já faz parte do âmbito educacional que vivemos, é desgastante para todos os envolvidos, mas de certa forma percebemos que colhemos alguns frutos bons também, sempre terão alguns imprevistos e lacunas que surgirão ao longo do tempo, mas devemos ter calma para recuperá-los, sejam eles nas aprendizagens ou psicologicamente.

Com a propagação da Covid-19 pelo mundo, cursos universitários e escolas de ensino fundamental e médio passaram a operar no formato *online* para ajudar as famílias a aderirem às políticas de distanciamento social. Vários meses depois, algumas regiões e nações passaram a flexibilizar as restrições. No entanto, é provável que, por muito tempo, a escola não volte a ser como antes da pandemia - ou mesmo nunca mais.

Neste novo contexto vivenciado no ambiente da educação escolar surgiram questionamentos quanto a qualidade do ensino desenvolvido no formato remoto. Esta também tem sido uma das preocupações dos bolsistas do Pibid.

Para alguns acadêmicos bolsistas a qualificação do ensino propiciada pelo Pibid está relacionada ao rompimento do tradicionalismo pedagógico ainda vigente nas redes públicas de ensino, para a adesão a uma cultura educacional que considere o contexto sociocultural a fim de proporcionar conhecimentos mais significativos para todos os envolvidos (RAUSCH, 2013, p. 632-633).

Esses acontecimentos citados, são a realidade de 2020 e 2021, na qual não sabemos quando terá um fim. Percebemos a dedicação de muitos professores e alunos, mas ao mesmo tempo, o grande desgaste e as lacunas que o ano de 2020 deixou para o ano de 2021.

### **Papel das famílias no ambiente de ensino remoto**

Considerando que estamos tratando de um tema que envolve o primeiro Ano do Ensino Fundamental e num contexto de aulas remotas, o papel da família está relacionado, principalmente ao acompanhamento direto, de total apoio e organização. Os pais devem proporcionar ao filho/aluno um ambiente adequado para o momento em que irá desenvolver suas atividades escolares. Os familiares em conjunto podem traçar regras e definir horários específicos para cada atividade, fazendo com que o estudante se organize e tenha um rendimento escolar adequado ao momento de pandemia.

Dessa forma, pode-se observar como muitas famílias coordenam e se organizam junto de seus filhos. Muitas delas tiveram êxito em auxiliar ou pelo menos tentar ajudar seus filhos nesta batalha do ensino remoto, juntamente com outros vários acontecimentos instáveis durante a pandemia. No entanto, inúmeras famílias demonstraram dificuldades e falta de ferramentas básicas, aparelhos necessários para participar ativamente das atividades neste momento de pandemia.

Professores e famílias precisam de todo o apoio possível, financeiro, técnico, informativo e socioemocional para educar os jovens durante esse período. Como pesquisadora em educação na cidade de Nova York, trabalhando em projetos em

colaboração com professores de nossas escolas públicas, percebi que as experiências das pessoas com “escola” variam muito. (VOGEL, 2021, p. 26).

Cabe destacar que, os professores juntamente com pais e alunos precisam construir e manter um relacionamento acolhedor, agradável, de confiança mútua entre si, para ocorrer uma boa organização do espaço onde o aluno irá realizar suas atividades. Tudo isso contribui para a otimização do uso das ferramentas remotas e plataformas digitais disponíveis para a realização destas atividades, que oferece algumas dificuldades aos pais e até mesmo para os professores no momento de utilizá-las.

### **Considerações Finais**

Ao concluir este trabalho analítico e reflexivo, podemos perceber as inúmeras dificuldades em decorrência da pandemia, principalmente em relação ao acesso às novas tecnologias de informação e comunicação que alunos e professores experienciaram. Alguns com mais facilidades na hora de utilizá-las, outros com muitas dificuldades e também àqueles que não possuem acesso as ferramentas tecnológicas por carência econômica.

Por outro lado, cabe ressaltar que a pandemia da Covid-19 também trouxe inúmeros aprendizados para todos, pois aprendemos a nos reinventar, a estudar em casa e, principalmente na utilização das novas ferramentas tecnológicas e plataformas digitais, que muitos nem sabiam de sua existência.

O fato é que a pandemia antecipou uma realidade que já vinha sendo introduzida em diferentes setores da vida da sociedade. O mundo digital entrou de vez no processo ensino-aprendizagem e por força da circunstância, a estrutura escolar, professores, alunos e familiares tiveram que adaptar-se metodologicamente às novas demandas. Nas casas foi necessária uma nova readequação dos espaços, seja para o professor desenvolver suas aulas ou para o aluno poder assistir as aulas.

Acreditamos que a pandemia da Covid-19 oportunizou aprendizados que ficarão para sempre, mas também têm se destacado como um período de enormes desafios, deixando rastros e marcas profundas em tanta gente. As carências ficam evidenciadas na sua forma mais bruta, situação que clama por intervenção de governos com políticas públicas de caráter igualitária, de solidariedade e de justiça social.

Nesta perspectiva, a educação escolar tem um compromisso social e político-pedagógico de contribuir para a construção de conhecimentos significativos, que ajude a resolver os graves problemas que ainda persistem no mundo contemporâneo. O grande número de analfabetos, pobres e excluídos em geral, é um atestado de que algo vai mal, de incompetência para resolução de demandas e desafios que requerem urgência.

Por isso, programas como o Pibid são bem-vindos e devem ser prestigiados pelos responsáveis por políticas públicas educacionais. A preocupação em bem formar os futuros educadores pode fazer toda diferença. As crianças, as escolas, os pais e professores merecem mais e o melhor, uma educação de qualidade.

A experiência do Pibid evidenciou que, mais do que nunca, Paulo Freire é atual e necessário quando diz que o ato educativo é uma ação intencional, portanto, um ato político por sua natureza. Para o Patrono da Educação Brasileira, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Conhecer-se e reconhecer o seu entorno é da essência do processo de alfabetização e letramento.

O centenário de Freire nos relembra que educação de caráter integral, por isso libertadora, tem a ver com a vida, com o cotidiano das pessoas, com o respeito as diferenças e acolhimento do Outro. O ódio, a violência e o desrespeito devem ser combatidos com resistência e amorosidade. Acreditamos que a escola pode ser um ambiente de construção das bonitezas, conforma Moacir Gadotti.

## REFERÊNCIAS

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização em tempos de pandemia**. Conventit Internacional 35: Cemoroc-Feusp, jan-abr 2021. Disponível em: <http://www.hottopos.com/conventit35/Silvia.pdf>.

LIBERALI, Fernanda Coelho *et al.* **Educação em Tempos de Pandemia**: Brincando com um Mundo Possível. São Paulo - SP: Pontes Editores, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Liberali-2/publication/342611734\\_Educacao\\_em\\_tempos\\_de\\_pandemia\\_brincando\\_com\\_um\\_mundo\\_possivel/links/5efcf47d299bf18816f69b09/Educacao-em-tempos-de-pandemia-brincando-com-um-mundo-possivel.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Liberali-2/publication/342611734_Educacao_em_tempos_de_pandemia_brincando_com_um_mundo_possivel/links/5efcf47d299bf18816f69b09/Educacao-em-tempos-de-pandemia-brincando-com-um-mundo-possivel.pdf)

OLIVEIRA, Grassinete C. de A. Ensinar e Aprender em Tempos de Covid-19: Uma Proposta Pedagógica. *In: Educação em tempos de pandemia*: brincando com um mundo possível. Pontes. São Paulo - SP: Tuxped Serviços Editoriais, 2020.

RAUSCH, Rita Buzzi. Contribuições do Pibid à formação inicial de professores na compreensão de licenciandos bolsistas. **Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME**, v. 8, n. 2, p.620-641, mai./ago. 2013.

VOGEL, Sara. Questões Centrais Para a Formação de Professores Na/Durante a Pandemia. *In: Educação em tempos de pandemia*: brincando com um mundo possível. Pontes. São Paulo - SP: Tuxped Serviços Editoriais, 2020.

# O PIBID E A FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO DE PANDEMIA

Luana Wentz<sup>1</sup>

Mayara Cibele Roque Lopes<sup>2</sup>

Cênio Back Weyh<sup>3</sup>

## RESUMO

O escrito é resultado de uma abordagem reflexiva de caráter teórico-prática, sobre a experiência no Pibid, em andamento na URI - Câmpus de Santo Ângelo, tendo o Colégio Estadual Pedro II como campo de desenvolvimento das atividades. A partir do mês de outubro de 2020, as bolsistas integram o programa da CAPES, que tem por objetivo oportunizar aos acadêmicos de cursos de licenciaturas com a prática docente em escolas públicas, relação que contribui para a inserção do/da acadêmico/a, desde a graduação, no mundo das experiências e reflexões acerca da profissão docente. Em contexto de pandemia, as instituições educativas refizeram suas metodologias de ensino e buscaram novas maneiras de orientar os alunos na construção de seu conhecimento. Neste contexto, futuras pedagogas e bolsistas do Pibid, enfrentaram o desafio de se adaptar e estudar formas de inserção neste cenário e auxiliar as turmas de 1º e 2º Ano, e professoras regentes. Para as bolsistas, as experiências de sala de aula no período de pandemia, seja pela via remota ou presencial, confirmaram mais uma vez que teoria e prática são faces do mesmo de processo formativo. Aprender fazendo, sob a orientação de quem já têm experiência profissional faz toda diferença.

**Palavras-chave:** Formação docente. Educação. Pedagogia. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia – Câmpus Santo Ângelo. *E-mail:* luanawentz@aluno.santoangelo.uri.br

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia – Câmpus Santo Ângelo. *E-mail:* mayaracrolopes @aluno.santoangelo.uri.br

<sup>3</sup> Docente do Curso de Pedagogia – Câmpus Santo Ângelo. *E-mail:* ceniow54@gmail.com

## **Introdução**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBID) possibilita o contato de bolsistas de cursos de licenciaturas com a prática docente em escolas públicas, relação que contribui para a inserção do/da acadêmico/a desde a graduação, no mundo das experiências e reflexões acerca da profissão docente.

Desde fevereiro de 2020, vivemos em meio a uma pandemia que impactou os mais diversos setores da sociedade, de forma significativa o campo da educação escolar. As instituições educativas tiveram que rever suas metodologias de ensino e buscar novas maneiras de orientar os alunos na construção de seu conhecimento. Neste contexto, futuras pedagogas e bolsistas do Pibid, enfrentaram o desafio de se adaptar e estudar formas de inserção neste cenário e auxiliar as turmas de 1º e 2º Ano, e professoras regentes do Colégio Estadual Pedro II, localizado no município de Santo Ângelo - RS.

Em meio a desafios e novas exigências, as atividades estão sendo desenvolvidas, visando proporcionar momentos significativos e que contemplem as dificuldades e potencialidades dos alunos envolvidos.

## **O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibid) e o Processo de Formação Docente**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) iniciou em 2006 em Instituições Federais de Ensino, em 2009 foi implementado como política de Estado relacionando à formação de professores de todo o país, através do Decreto nº6755 de 29 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009). O Pibid é uma ação Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) visando proporcionar aos discentes dos cursos de licenciatura a aproximação entre a teoria e a prática docente nas escolas públicas de educação básica e no contexto em que elas estão inseridas, articulando ensino superior e educação básica, além de melhorar a qualidade dos profissionais formados das áreas específicas que compõe o currículo do ensino básico através da experiência durante a formação.

O programa visa proporcionar uma formação inicial que relacione teoria e prática, contribuindo para a formação de professores através das vivências, das aprendizagens e das trocas de experiências com professores da Educação Básica, oportunizando ainda que os alunos de licenciatura tenham contato com a realidade das escolas públicas e com os alunos. Tudo isso impacta de forma positiva na formação dos novos profissionais, pois ao enfrentar as dificuldades postas no cotidiano escolar, buscam uma nova forma de educar, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem para os educandos, construindo técnicas a partir das teorias.

Diante disto, o Pibid contribui para a constituição da prática docente, possibilitando aos graduandos em formação, um contato com professores já graduados e atuantes, contribuindo com a troca de experiências para formar professores qualificados e capazes de interferir no contexto da escola pública, fazendo assim com que a teoria aprendida na universidade se aproxime da realidade da prática. Tal fato é fundamental no processo de formação profissional, principalmente ao edificar e abordar metodologias que dialoguem e se adaptem com o contexto dos educandos e com o espaço escolar.

Especialistas de diferentes setores da sociedade apostam que a formação qualificada de professores é uma das maiores demandas do século XXI. Para Alex Beard (2020), “a criatividade, a capacidade de resolver problemas e a importância dos professores são os grandes desafios das escolas. E tudo isso em meio à grande incógnita de como lidar com novas tecnologias e inteligência artificial”.

Com intuito de que tais objetivos obtenham sucesso se faz necessário abordar as modalidades que compõem o Pibid através de bolsas concedidas pela CAPES, as quais destacam-se o Coordenador Institucional Docente do quadro efetivo da instituição superior de ensino, Coordenador de Área de Gestão de Processos Educacionais Docente do quadro efetivo da instituição de ensino superior, Coordenador de Área/Campus Docente do quadro efetivo da instituição de ensino superior, Bolsista de Supervisão Docente da Educação Básica com experiência e atuação efetiva na docência em área relacionada ao subprojeto para o qual foi selecionado e Bolsista de Iniciação à Docência Estudante de licenciatura de curso relacionado à área do subprojeto.

Tardif (2002) menciona que, na formação de professores não se tem na maioria das vezes nenhum tipo de relação com o ensino e nem com as realidades cotidianas do ofício de professor. Percebe-se que a formação de professores é dominada por conteúdos, onde se acaba ensinando teorias sem ligação com o ensino essencial para o trabalho docente, que através do programa podem ser oportunizados a vivenciar momentos e experiências como professores em contato estabelecido com os alunos em que podem ser aprendidos diversos aspectos da prática docente.

Adquirindo cada vez mais experiência os futuros professores estão aperfeiçoando-se e obtendo mais conhecimento e ferramentas que o tornarão profissionais aptos no enfrentamento de desafios que surgirão em seu exercício pedagógico. Diante do contato com os professores regentes o bolsista tem a oportunidade de planejar, refletir, analisar e buscar soluções dos desafios através do diálogo. Outro aspecto importante ao longo do processo é o trabalho coletivo com os demais bolsistas, pois o planejamento em grupo e de forma interdisciplinar transpõe as limitações impostas à carreira docente, sendo um diferencial para o processo de formação.

A ação educativa não pode ser confundida simplesmente com ensino. É uma tarefa ampla que requer prática transformadora de realidades.

Entendemos que a atividade docente é ligada à ação educativa mais ampla que ocorre na sociedade que é o ensinar. Na sua acepção corrente, é definida como uma atividade prática. O professor em formação está se preparando para efetivar as tarefas práticas de ser professor. Dado que não se trata de formá-lo como reproduzidor de modelos práticos dominantes, mas capaz de desenvolver a atividade material para transformar o mundo natural e social humano (PIMENTA, 2005, p. 524).

Nesse enfoque, de acordo com o autor os saberes da experiência são de grande valia ao retratar a ideia de que um bom professor se dá pelos conhecimentos adquiridos a partir de suas vivências, sendo importante mobilizar os saberes da experiência, os saberes pedagógicos e os saberes científicos que constituem a docência nos processos de construção da identidade dos professores. Contudo, o PIBID possibilita outros horizontes para o processo ensino-aprendizagem durante a formação do futuro pedagogo, possibilitando novos olhares diante da docência e de sua formação, deixando nítido a influência do contexto em que a escola se encontra e proporcionando conhecimentos didáticos.

### **A pandemia e as Práticas Docentes Experienciadas no Pibid**

No que diz respeito a um novo olhar docente, destaca-se a situação vivenciada pelas bolsistas e os impactos devido a pandemia da Covid-19 no cotidiano das escolas, este cenário exigiu a reinvenção das metodologias educacionais. Dessa maneira, o ensino remoto emergencial foi a estratégia adotada para manter os vínculos e o desenvolvimento de diferentes práticas.

Em decorrência da Covid-19, a educação básica teve que repensar os seus processos educativos no ano de 2020 e até então. Essa readaptação buscou proporcionar forma de estudo adequada à situação, sendo necessário mudanças na educação para que os processos de ensino e aprendizagem ocorresse apesar das várias dificuldades apresentadas, como a ausência de acesso à internet e aparelhos, questões de saúde e falta de suporte educacional vindo das famílias dos alunos. Escola e educadores tiveram que adaptar-se à realidade de seus estudantes, muitas ofertaram o ensino remoto e à distância, através de aulas virtuais e materiais impressos.

As atividades realizadas pelas bolsistas do Pibid foram desafiadas a refletir e intervir nesse contexto, considerando a diversidade dos estudantes das escolas públicas envolvidas e o processo de planejamento, formação e intervenção dos futuros professores no processo educativo escolar.

Ao que refere-se à prática do Pibid, as atividades tiveram de ser reinventadas para que fosse possível prosseguir com as atividades nas escolas, contemplando todos os sujeitos envolvidos. De modo geral, o processo de readaptação foi complexo, pois com as escolas fechadas, realizar as atividades se tornava inviável e para que não houvesse paralisação do

programa implementaram-se novas estratégias para dar continuidade ao trabalho realizado.

No entanto, mesmo com as mudanças de estratégias usadas pelos professores e pelos pibidianos, houve angústias nos momentos de ensino e aprendizagem. Os alunos não participavam ativamente, não respondiam quando questionados e alguns não realizavam as atividades, trazendo frustração aos professores, pois assim apresentavam dificuldades de aprender e compreender as atividades propostas.

A falta de diálogo, o não poder estar junto e acompanhar cada aluno de perto, podendo sanar as dificuldades dos mesmos trouxe desapontamentos e dificuldades de explicar os conteúdos, prejudicando a compreensão do assunto proposto. Nesse contexto, foi necessário que as bolsistas, como futuras pedagogas, se dedicassem ainda mais para que os trabalhos realizados fossem eficazes, através da reinvenção da prática e de ferramentas digitais.

Foi necessário compreender o contexto de isolamento social durante a pandemia do Coronavírus, encarando os novos desafios para criarmos novas práticas. Portanto, as ferramentas digitais ao alcance foram um diferencial que possibilitou a realização das atividades de forma remota, além de contribuir para os planejamentos e cumprimento do subprojeto.

Para alguns acadêmicos bolsistas a qualificação do ensino propiciada pelo PIBID está relacionada ao rompimento do tradicionalismo pedagógico ainda vigente nas redes públicas de ensino, para a adesão a uma cultura educacional que considere o contexto sociocultural a fim de proporcionar conhecimentos mais significativos para todos os envolvidos (RAUSCH, 2013, p. 632-633).

Assim sendo, o Pibid é uma forma de buscar a cada dia um novo aprendizado no primeiro contato com a docência, possibilitando um aperfeiçoamento na formação acadêmica, formando profissionais com experiência na atuação docente.

### **As atividades desenvolvidas no Pibid e as contribuições para a formação docente**

A experiência como bolsistas do Pibid, trouxe a oportunidade de estar em contato com a realidade da “sala de aula”, mesmo em tempo de pandemia (Covid-19), tempo em se iniciou em um cenário no qual as aulas ocorreram de forma virtual, assim como os encontros com coordenador da universidade e da supervisora, representante da escola.

No contexto de ensino remoto ficou evidente que não há espaço para um ensino tradicional na educação, pois a realidade pandêmica mostrou a necessidade de reinventar a prática pedagógica, aproximando esta das necessidades da sociedade atual, e da

importância da formação continuada. As vivências ampliaram o olhar pedagógico dos bolsistas para uma prática mais adequada à realidade.

Conforme o subprojeto, as bolsistas ficaram responsáveis em auxiliar as professoras regentes das turmas de 1º e 2º ano do Colégio Estadual Pedro II, localizado no município de Santo Ângelo-RS. Inicialmente, foram elaborados planejamentos para a execução de uma oficina semanalmente, que deveriam contemplar a alfabetização e temas propostos pela supervisão escolar e orientação das professoras regentes na elaboração das atividades.

Todo o contato entre a gestão da escola, as professoras e bolsistas ocorreu de forma *online*, através de encontros virtuais para orientações, reflexões e relato das vivências.

Esta situação nos colocou em contato com a dinâmica escolar e a didática da atuação pedagógica, pois o planejamento para uma realidade pandêmica, evidencia que a prática não é linear, pelo contrário, requer um planejamento flexível que atenda às necessidades e interesses dos discentes, assim como os possibilite construir conhecimentos em meio às adversidades da situação atual.

As oficinas tinham em média 90 minutos e ocorreram através da plataforma *Google Meet*, seguindo a temática sugerida pela supervisão. Eram ministradas seguindo os planejamentos, fazendo o uso de recursos didáticos digitais, como slides, vídeos e músicas, e recursos solicitados aos alunos. Percebeu-se um grande envolvimento dos pais ou responsáveis durante as aulas, sempre que solicitados pelos alunos, os pibidianos ajudavam acompanhando de perto as aulas e a aprendizagem dos alunos.

Outro fator observado, foi o baixo número de alunos que participavam das aulas. Poucos alunos se encontravam presentes, mostrando que nem todos tinham acesso aos meios tecnológicos, o que certamente repercute no processo de aprendizagem dos ausentes neste período de pandemia.

Em meados de agosto de 2021, as aulas retornaram para a modalidade presencial, a partir de então, as bolsistas se dividiram nos turnos matutino e vespertino, realizando aulas de reforço para os alunos de 1º e 2º ano, visando suprir as dificuldades que surgiram neste período. Os alunos são escolhidos pela direção, supervisão e professoras regentes, de acordo com as dificuldades, as famílias são contatadas e é repassado para as bolsistas.

O reforço escolar ocorre em dois grupos por manhã, tendo periodicidade semanal de duas manhãs. Neste, planejamos momentos voltados para a alfabetização com duração de 90 minutos. Ao final das aulas é registrado o progresso ou dificuldades que requerem atenção. O diagnóstico das atividades desenvolvidas são compartilhados uma vez por semana através de reunião virtual com a supervisora da escola, momento em que é compartilhado ideias, sugestões e é analisada a aprendizagem dos alunos.

A realização das aulas, o planejamento, produção de recursos didáticos e diagnóstico, nos coloca em contato com a didática da ação pedagógica, nos possibilitando colocar em

prática os conhecimentos adquiridos nas aulas e concepções desenvolvidas nos fundamentos teóricos e metodológicos do ensino.

Para as bolsistas, cuja formação acadêmica ainda está se desenvolvendo, a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, possibilita uma interação com a realidade da educação básica, principalmente ao processo de alfabetização que ocorre nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essa interação viabiliza relacionar métodos, concepções e teorias ao processo de aquisição da leitura e escrita, assim como, compreender o funcionamento de uma instituição de ensino, propiciando uma reflexão e introdução à prática docente.

Como a participação no programa ainda não está em andamento, é importante destacar que, podemos proporcionar momentos cada vez mais significativos aos alunos das aulas de reforço escolar, auxiliando-os na compreensão do Sistema de Escrita Alfabético, através de momentos lúdicos e reflexivos, e que isto contribuirá para a formação e qualificação da educação em geral.

### **Considerações Finais**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) objetiva o incentivo à um contato antecipado de licenciandos na prática docente, através de ações didático-pedagógicas que aproximem os futuros professores da realidade das escolas, articulando as universidades e as escolas públicas de educação básica.

Entendemos que as experiências realizadas no programa tem demonstrado o quanto é significativo e real no contexto das políticas educacionais de formação de professores, por oportunizar aos licenciandos que as teorias aprendidas nas universidades se aproximem da realidade do mundo das escolas públicas brasileiras, elemento fundamental para a construção qualificada da identidade profissional do educador. Portanto, inserir futuros professores no contexto escolar para a vivência do exercício da profissão, percebendo as realidades de condição de trabalho, conhecendo tempos e espaços, são experiências significativas que aproximam o licenciando da realidade da comunidade escolar, ações que justificam as propostas do Pibid realizadas na Escola Pedro II, fortalecendo a qualidade da formação inicial dos professores e contribuindo para a qualificação do processo ensino-aprendizagem, na educação básica.

Diante do exposto, acredita-se que o Pibid é um programa importante para a formação inicial de professores, através do vínculo universidade e escola, contribui de forma positiva na aproximação teoria e práticas do cotidiano no contexto escolar.

Os estudos e reflexões teóricas sobre referenciais que abordam a questão da Alfabetização, Letramento e dos números, foco central do programa, foram fundamentais para compreender o quanto isto pode contribuir para melhorar a relação educador e

educando, melhorar a qualidade da formação de futuros professores e construir uma identidade profissional dos licenciandos mais adequada aos desafios e demandas que a área da educação requer no mundo contemporâneo.

Para concluir, concordamos plenamente com a fala de Brandt (2020) quando destaca que o Pibid é um programa que veio para somar, de forma positiva, e muito contribuir para a melhoria da qualidade da formação dos futuros professores que atuarão na área da educação. Ao propicia aos licenciandos que se aproximem da realidade vivida no exercício da docência, vão aprendendo, concretamente, o ofício de ser professor.

## REFERÊNCIAS

ALBINO, Sandra Maria, & MAGANHA, Josiane Geremias. As contribuições do Pibid ao processo de formação inicial de professores. **Revista Polyphonia**, v. 25, n.1, p. 99-112, 2015.

BEARD, Alex. Ser professor deve ser o trabalho mais importante do século 21', diz especialista que estudou ensino em mais de 20 países - **Época Negócios | Carreira** - Entrevista a *BBC News Brasil*. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2020/02/ser-professor-deve-ser-o-trabalho-mais-importante-do-seculo-21>. Acesso em: 1 out. 2021

BONCOMPAGNI, Ana Luiza; MAIA, Tatiane Letícia; MAIA, Viviane Milena; MARTINS, Janaína da Conceição; OLIVEIRA, Aline Gonçalves; RUAS, Thatiane Santos; SILVA, Ashiley Luisa Rodrigues da.; SOUZA, Laura Carvalho de. "Escolas fechadas... e agora? O Pibid em tempos de Ensino Remoto", em **Revista Ponte**, v. 1, n. 4, maio 2021. Disponível em: <https://www.revistaponte.org/post/escolas-fechadas-pibid-tempos-ensino-remoto>.

BRANDT, Léocla Vanessa. **A importância do Pibid para a reflexão da teoria e a prática dos acadêmicos de educação física licenciatura da UFSM: Educação Inovadora e Transformadora**. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/342/2019/05/Leocla-Vanessa-Brandt-A-importancia-do-PIBID-para-a-reflexao-da-teoria-e-a-pr%C3%A1tica-...-1.pdf>.

BURGGREVER, Taís; MORMUIA, Najla. A importância do Pibid na formação inicial de professores: um olhar a partir do subprojeto de geografia da unioeste-francisco beltrão. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 8, n. 15, p. 98-122, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/>.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RAUSCH, Rita Buzzi. Contribuições do pibid à formação inicial de professores na compreensão de licenciandos bolsistas. **Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME**, v. 8, n. 2, p.620-641, maio/ago. 2013.

SILVA, Sandro da; GONÇALVES, Mariana Dicheti; PANIÁGUA, Edson Romário Monteiro. A importância do Pibid para formação docente. *In: 3º EMICULT – Encontro Missionário de Estudos Interdisciplinares em Cultura*, v. 3, 2017 – Santo Ângelo – RS. <https://sites.unipampa.edu.br/pibid2014/files/2018/02/a-importancia-do-pibid-para-formacao-docente.pdf>.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

# A VISÃO DOS SUPERVISORES NA PRÁTICA DO PIBID NA ESCOLA

Adriana Perdomini Geraldo<sup>1</sup>

Franciel Jose Lovera<sup>2</sup>

Flávio Zambonato<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar as experiências adquiridas, em tempos de pandemia nas aulas de Educação Física na Escola Estadual de Educação Básica Dr. Sidney Guerra e no Colégio Estadual Professor Mantovani na cidade de Erechim, RS para os anos finais do Ensino Fundamental. Durante as aulas *on-line*, através da plataforma *Classroom* e *Meet*, foram realizados estudos teóricos e experiências pedagógicas, ressaltando a importância da teoria nas aulas de Educação Física como jamais vista em anos anteriores, bem como, a criatividade dos bolsistas em desenvolver experiências criativas e de fácil acesso para todos. Em tempos de pandemia, foi possível planejar a distância com os bolsistas, também pelas plataformas digitais até o momento de podermos nos encontrar presencialmente, seguindo todos os protocolos exigidos no combate a Covid-19. Os desafios foram incontáveis e a dedicação foi total de todos para levar até os alunos, aulas de qualidade, com conteúdo próprio a cada faixa etária.

**Palavras-chave:** Escolas. Docência. Desafios. Experiências. Educação Física.

## Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) possibilitaram aos estudantes do curso de licenciatura em Educação Física realizarem na Escola Estadual de Educação Básica Dr. Sidney Guerra e no Colégio Estadual Professor Mantovani da rede

---

<sup>1</sup> Professora Especialista, na Escola Estadual de Educação Básica Dr. Sidney Guerra de Erechim - Rio Grande do Sul. *E-mail:* adriperdomini@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Especialista, no Colégio Professor Mantovani de Erechim. Rio Grande do Sul. *E-mail:* franciel.jose@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor Ms. Flávio Zambonato do Curso de Educação Física da Universidade Regional Integrada Das Missões de Erechim, Rio Grande Do Sul. *E-mail:* zambonato@uricer.edu.br

pública de ensino, um conhecimento sobre a realidade das escolas e seu dia a dia. O Programa tem como objetivo antecipar o vínculo de licenciados com a escola e as salas de aula da rede pública de ensino (BRASIL, 2018), aproximando-os de forma prática, com o cotidiano e o contexto de escolas públicas de educação básica. (CAPES, 2016)

Este trabalho tem por objetivo compartilhar as experiências pedagógicas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) dos discentes deste programa de licenciatura em Educação Física da Universidade Regional Integrada – Câmpus de Erechim.

O programa teve início em outubro de 2020, quando as aulas estavam na modalidade remota devido a Pandemia da Covid-19 onde as atividades eram encaminhadas pelos professores titulares das turmas quinzenalmente. A partir deste planejamento, sentimos a necessidade de realizar atividades onde os alunos pudessem interagir com os bolsistas e o supervisor demonstrando interesse e envolvimento nas atividades propostas.

De início, o planejamento ficou restrito a atividades de pesquisa, leitura de textos, questionários, regras de diferentes modalidades esportivas, estudos e resoluções. Em seguida passamos a propor atividades práticas com um maior envolvimento dos estudantes pois o confinamento e isolamento social limitou as atividades físicas de todos nós.

### **Atividades desenvolvidas no Subprojeto**

As atividades propostas pelo grupo de Pibidianos no início das atividades ficaram restritas aos conteúdos possíveis e plausíveis para o momento. Os desafios foram muitos, pois na disciplina de educação física, dispomos de pouca bibliografia para tantas aulas “on-line”. As buscas foram incontáveis e as sugestões surgiram aos poucos. Porém, com o passar dos dias e a percepção de todos de que se tratava de algo a ser “melhorado” nosso planejamento mudou de rumo. Passamos a propor atividades práticas para os estudantes, com envolvimento da família influenciando assim a prática uma atividade física para o bem-estar e entretenimento de todos e a elaboração de jogos para a família, favorecendo assim o diálogo e a convivência.

O planejamento das aulas e atividades eram realizadas semanalmente de forma remota onde analisávamos as devolutivas e elaborávamos as próximas aulas e atividades a serem postadas. Os pibidianos receberam acesso a plataforma “Classroom” através do recebimento do e-mail institucional adotado pela Secretaria de Educação do Estado onde poderiam verificar a devolutiva e interagir com os estudantes através do mural da plataforma, bem como, foram adicionados nos grupos de *WhatsApp* das turmas em questão.

As atividades eram elaboradas pelos bolsistas e esplanadas nos planos de aula os quais eram revisados. Quando se tratava de vídeos explicativos, os mesmos eram enviados via *WhatsApp* para apreciação e após encaminhados para a plataforma *Classroom*.

A Escola Estadual de Educação Básica Dr. Sidney Guerra conta atualmente com 450

estudantes, o Colégio Professor Mantovani conta atualmente com 1285 estudantes, ambas as Escolas atendem toda a educação básica dividida em três turnos – matutino – vespertino e noturno.

A partir do dia vinte um de setembro do corrente ano – conforme COE-E das escolas, os mesmos autorizaram as aulas práticas no ginásio das referidas escolas, atentando para os protocolos de combate à Covid-19 onde para a alegria de todos podemos voltar as práticas de atividades físicas.

Ambos os ginásios passaram por adaptações com a colocação de todos os itens necessários para a prática esportiva como álcool gel, álcool 70% e outros. Para tanto, houve novamente uma mudança em nosso planejamento. Agora atentando para a prática, tão esperada e almejada por todos os estudantes nas escolas. Mas com alegria e muita disposição, nossas aulas sofreram mudanças agradáveis. A cada Pibidiano foi fornecido álcool gel e álcool 70% e um material descartável para limpeza do material esportivo.

De início foi dada prioridade a prática de exercícios físicos leves, previamente combinados com os estudantes para uma melhor e contínua prática esportiva. E com o passar dos dias, vamos a prática desportiva e seus fundamentos até chegar no jogo propriamente dito. Sempre ressaltando da importância da atividade física na infância e adolescência.

Nas aulas a ênfase e o planejamento visam sempre a importância da atividade física em qualquer fase da vida, a manutenção da saúde e o bem-estar geral. A atividade física na infância e adolescência parece induzir alterações biomecânicas, fisiológicas e psicológicas, as quais se manifestam como adaptações crônicas benéficas, persistindo de forma vantajosa durante a vida adulta, além do fato de que os hábitos da prática das atividades físicas adquiridos na infância parecem persistir durante a vida adulta (SILVA; LACORDIA, 2016).

Quando se fala de saúde não se está somente referindo à saúde física, mas também à saúde mental, visto que uma atividade que gere satisfação e bem orientada traz um bem-estar psicológico e sensação de prazer. Silva *et al.* (2010,) afirmam,

[...] que a manutenção de uma vida ativa além de agradável trazem inúmeros benefícios a quem pratica, que podem ser identificados desde a diminuição do percentual de gordura corporal até o aumento da autoestima, pode trazer também a melhora do convívio social o que pode ser de extrema importância para as pessoas. (SILVA *et al.*, 2010, p.116).

Dessa forma e enfrentando todas as adversidades impostas pela Covid, acreditamos que o PIBID, torna-se ainda mais enriquecedor e desafiando, porque segundo Peruzzo (2015), o acadêmico, ao participar do programa Pibid, consegue criar uma visão completamente diferente (muito mais ampla e real) do que ele tinha antes estando somente nas atividades práticas e teóricas que a universidade proporciona, pois com a inserção do

mesmo no contexto escolar através do PIBID dá-se uma experiência que dificilmente o acadêmico vivenciaria se não estivesse participando deste programa, pois assim ele consegue visualizar com mais compreensão como funciona uma escola em um todo, participando dos inúmeros processos em que ela passa seguidamente, sejam eles remotos ou presenciais. Tais como: a gestão escolar; os encontros de pais, alunos e professores; as reuniões. Porém a vivência dentro da sua instituição de ensino também é de imensa importância, tendo contato com os colegas e professores que ali estão, desenvolve-se uma característica de respeito e disciplina, sem contar os conteúdos que são mediados durante as aulas. É necessário usufruir de ambos, e os unir da melhor forma durante sua vida acadêmica e profissional, assim, após formados resultaram em profissionais de qualidade, que se preocupam com os educandos e prezam por uma boa educação.

Dessa maneira o acadêmico futuramente formado além de saber o funcionamento da escola pela sua experiência no Pibid, saberá quais serão alguns dos percalços e das dificuldades que poderá encontrar dentro da escola, tanto para a quantidade e diversidade de materiais e infraestrutura, quanto nas relações educador – educando. Algo que é de suma importância para seu futuro desempenho na profissão escolhida, conseguindo assim evoluir de uma forma mais eficaz e constante (PERUZZO, 2015).

É evidente que a Universidade tem um papel importante a desempenhar na formação de professores. Por razões de prestígio, de sustentação científica, de produção cultural. Mas a bagagem essencial de um professor adquire-se na escola, através da experiência e da reflexão sobre a experiência. (NÓVOA, 2003, p.15)

## Considerações Finais

Podemos prever que o Pibid tem influenciado de maneira positiva em nossos ambientes escolares, pois as trocas de saberes são surpreendentes e as interações com os acadêmicos e estudantes são enriquecidas pelas experiências e relatos deste universo acadêmico. As infinitas possibilidades de interação, mesmo em tempos de Pandemia, foram significativas e podemos afirmar que únicas para muitos. Os desafios foram e são constantes, as trocas de experiências infinitas. Dessa forma nos resta dizer que a inserção do acadêmico de Educação Física no contexto escolar, mesmo que de forma remota e presencial, contribuiu positivamente para vivenciar aspectos de ensinar e aprender em tempos de Pandemia.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação - artigo em publicação periódica técnica e/ou científica - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BARROS, Ricardo do Rêgo *et al.* Promoção da Atividade Física na Infância e Adolescência. **Sociedade Brasileira de Pediatria**, n.1, p. 1-14, Jul2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ofício circular 017/MEC**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 26 jan. 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.9394/96.1996. Disponível em:[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf). Acesso em: 11 de maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 08 set. 2020.MEC.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Portugal: Porto, 2003.

PERUZZO, Joice. **PIBID Educação Física**: relato de vivências e experiências de estudantes da Unochapecó, Chapecó, 2015.

PIBID-Apresentação. 2018. Disponível em: Mec. PIBID -Apresentação. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 11 maio 2021.

SILVA, Lidiane Cristina; LACORDIA, Roberto Carlos. Atividade física na infância, seus benefícios e as implicações na vida adulta. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista**, n. 21, p.1-24, jul/dez, 2016.

SILVA, Rodrigo Silva; SILVA, Ivelissa da; SILVA, Ricardo Azevedo da; SOUZA, Luciano e TOMASI, Eliane. Atividade física e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 115-120, jan. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n1/a17v15n1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

SILVA, Paulo Vinícius Carvalho; COSTA JÚNIOR, Áderson Luiz Efeitos da atividade física para saúde de crianças e adolescentes. **Psicologia Argumento, Curitiba**, v. 29, n.64, p.41-50, jan/mar 2011, disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=4525&dd99=view>. Acesso em: 18 mar. 2015.

# A MUSICALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A ARTE DA MOTIVAÇÃO

Vitória Szlachta Borré<sup>1</sup>

Karini Luísa Piekas<sup>2</sup>

Flávio Zambonato<sup>3</sup>

## RESUMO

A música é uma forma de expressão cultural popular. Nesta perspectiva, entende-se que trabalhar a musicalidade na Educação Física pode agregar muito na formação de um cidadão. Portanto, este trabalho bibliográfico e que foi experienciado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID no Colégio Estadual Professor Mantovani em Erechim, Rio Grande do Sul. promoveu a musicalidade pensando em seu desenvolvimento no âmbito escolar, analisando o seu significado e o que pode agregar em um planejamento de uma aula, principalmente quando se fala de motivação. Contudo, o professor tem um papel essencial na formação do estudante aliando os dois temas, principalmente frente a um ano de Pandemia por conta do Coronavírus.

**Palavras-chave:** Musicalidade. Educação Física Escolar. Pibid. Motivação.

## Introdução

Em um ambiente escolar um dos elementos primordiais é a motivação dos estudantes, onde a busca por novas oportunidades e aprendizagem vem ganhando cada vez mais novos desafios e disposições dos estudantes (ALCARÁ; GUIMARÃES, 2007).

Para Garrido (1990), a motivação tem uma origem que impulsiona uma ação, com isso o seu procedimento é psicológico. Dessa forma, a motivação é considerada uma das

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Regional Integrada das Missões de Erechim, Rio Grande do Sul. *E-mail:* vitoriaborre@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Regional Integrada das Missões de Erechim, Rio Grande Do Sul. *E-mail:* karinipiekas7@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Mestre do Curso de Educação Física da Universidade Regional Integrada das Missões de Erechim, Rio Grande do Sul. *E-mail:* zambonato@uricer.edu.br

principais variáveis psicológicas para a prática de exercícios físicos ao longo da vida, ela é essencial desde a aprendizagem até o alto rendimento (WEINBERG; GOULD, 2008).

Nessa perspectiva, a Educação Física Escolar torna-se um meio importante com o compromisso de promover atividades físicas para seus educandos, auxiliando em diversos aspectos de seu processo de desenvolvimento (BENTO, 2004). Porém, para a prática de atividades físicas acontecerem a longo prazo, os estudantes precisam ter boas experiências no contexto escolar, adquirindo motivação para seguir ativos (FERRER-CAJA; WEISS, 2002).

Tratando-se da Educação Física Escolar, os estudantes que experimentarem de forma positiva os sentimentos de autonomia, competência e relacionamento, tendem a apresentar uma maior motivação do que os que experimentam o contrário, pois isso desperta maior satisfação e prazer, além de proporcionar maior envolvimento com a aula (CERNEV; HENTSCHE, 2012).

Pizani *et al.* (2016) salienta a utilização de estratégias metodológicas para promover o desenvolvimento de autonomia e competência de todos os estudantes, como meio de elevar a motivação dos mesmos.

A música como uma das ferramentas a serem utilizadas, trabalha em uma configuração de expressão e uma forma de comunicação entre os seres humanos desde os seus tempos remotos. Uma de suas peculiaridades é sua natureza no lúdico, sendo ela uma relação entre o som e o silêncio e as diferentes formas de composições musicais. No encaminhamento da musicalização a criança fortalece a habilidade de se expressar, com isso auxilia no desenvolvimento de seus movimentos corporais com a ajuda da música e seu cantar, acerca de proporcionar uma vivência diferenciada no âmbito da saúde, do movimento humano e da cultura corporal na sociedade (BRITO 2003).

### **A musicalidade e a aprendizagem na Educação Física**

O desenvolvimento humano “é um processo de transformação contínua na vida de uma pessoa, o qual apresenta padrões comuns e incomuns, juntamente com suas individualidades” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 31). Portanto, para que “o indivíduo passe por devidas transformações e se desenvolva, é necessário que o mesmo, receba estímulos que ativam o cérebro e conseqüentemente, forme uma habilidade” (COSTA, 2002, p. 16).

Segundo Mayra Mika Takatsu, no livro “Artes, Educação e Música”, relacionando a musicalidade e a aprendizagem,

O ensino de música é muito importante para o desenvolvimento integral dos alunos. Eles aprendem a se comunicar por meio da arte musical, que toca profundamente tanto o artista, que está interpretando a música, quanto a plateia, que está envolvida no processo” (TAKATSU, p. 24).

Dessa forma, a intervenção sobre musicalidade descrita nos planos de aula de Educação Física realizados no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid no Colégio Estadual Professor Mantovani em Erechim, Rio Grande do Sul, foi de suma importância para a aquisição de novos conhecimentos, aprimoramento de habilidades e motivação durante as aulas, tanto para os estudantes, quanto para os bolsistas e professores.

Todavia, notou-se ao decorrer das aulas que, assim como Mayra Mika Takatsu (2016) revela, “ensinar usando a música, além de muito atraente para os alunos, permite internalizar conteúdos com grande rapidez”. De fato, os estudantes sentiram-se capazes e felizes ao realizarem uma atividade com música porque ofereceu a eles sentimentos e sensações que muitas vezes não são expressadas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física (2002) na escola, ela deve ser subdividida em três blocos que estão relacionados e podem ser trabalhados junto ou separadamente, são eles: jogos, ginásticas, esportes e lutas; a expressão corporal e os conceitos básicos sobre o próprio corpo. Dessa forma, é considerada como uma matéria que trabalha com a integração do estudante com o movimento, formando um cidadão (BRASIL, 1998).

Entretanto, formar um cidadão em meio a Pandemia da Covid-19 no Pibid foi desafiador, já que o contato físico foi mínimo. Então, em meio a desafios, foram realizados trabalhos remotos durante o Programa. Deste modo, a musicalidade veio para somar nas aulas, pois permitiu que os estudantes participassem de danças, jogos cooperativos, estafetas, gincanas, ginásticas, lutas, exercícios, esportes de aventura e demais práticas com certo distanciamento.

Por exemplo, em uma atividade de ritmo, o qual antes a proposta era ficar de mãos dadas em roda, conhecida como “Epo etata ô”, foi adaptada para que cada um conseguisse cantar e realizar os movimentos propostos dentro de um contexto lúdico e distanciado, promovendo os mesmos objetivos. Concomitantemente, a autora Mayra Mika Takatsu (2016), aponta que:

As atividades rítmicas estão relacionadas com a musicalização e podem estar vinculadas com o primeiro contato que o aluno terá com essa habilidade de grande importância. O uso do corpo para se expressar de forma ritmada pode adicionar mais divertimento à atividade” (TAKATSU, 2016, p. 30).

Para que o esporte seja realizado com eficiência, é preciso entender os diferentes contextos os quais pode-se encontrar. Deste modo, entende-se a relevância que a socialização tem para o esporte, já que é um processo no qual o indivíduo manifesta-se através de sua cultura e assim, molda-se em padrões apropriados seguindo a ética, moral, respeito mútuo, lealdade, solidariedade e dignidade (DRESLER; WILLIS, 1998). Seguindo este pensamento, o esporte contribui para a construção da socialização, juntamente com os seus valores (VIANNA; LOVISOLO, 2011).

Durante a aplicação das intervenções podemos perceber que a coordenação motora dos estudantes obteve um amadurecimento, desde os movimentos diferenciados que a música ofertou em danças, como também, o alongamento de músculos que permitem uma boa locomoção. Os estudantes pareceram mais atentos nas atividades, já que era necessário prestar atenção na música, nos comandos do professor(a), nos colegas e no ambiente.

Além disso, os materiais utilizados nas atividades foram simples, como: o próprio corpo, materiais encontrados em casa (copos, papéis...) e uma caixa de som. Portanto, a possibilidade de continuar promovendo experiências assim é grande, já que não exige muitos materiais, pelo contrário, existiu muita disposição. Quando objetos eram utilizados, também eram utilizados para atividades seguintes, por exemplo: em uma atividade simples onde cada estudante recebeu um jornal para fazer dele uma “fita” da ginástica e assim, dançar ao som de uma música, é possível realizar duas outras atividades após. Primeiramente, rasgar o jornal de acordo com o ritmo da música e depois construir algo com os pedaços.

De fato, a musicalização foi bem vista pelas turmas, já que a maioria sabia músicas. Por isso, o feedback das turmas para com a professora e vice-versa, foi positivo. De outro modo, em turmas mais avançadas a música durante as aulas pode proporcionar algo imprescindível: a motivação. A fase da pré-adolescência é complicada, então motivá-los foi inspirador e acreditamos que marcante.

O real significado para a motivação é o fator de aprender que está relacionado com o ambiente escolar, as formas com que a escola busca beneficiar o estudante, isso tudo impacta na motivação dos mesmos, tornando-se impactos imediatos no processo de aprendizagem dos estudantes (MARCHIORE; ALENCAR, 2009).

Ao falarmos em motivação para o aprender é importante destacar que, para ocorrer a motivação no ato de aprender, as atividades propostas devem ser motivadoras, ou seja, devem possuir um atrativo natural que permita aos estudantes realizarem aquilo que lhes é proposto com entusiasmo e interesse. Quando um estudante se propõe a realizar uma atividade de maneira espontânea quer dizer que esse desejo é decorrente de motivos extrínsecos, ou seja, de algo que lhe foi colocado e que despertou o interesse em buscar o conhecimento (TARDELI; PAULA, 2017).

Nas intervenções realizadas pelos Pibidianos, percebemos que quando a música era utilizada, o estudante entrava em contato com um lado silencioso, atento e sensitivo. Além disso, acreditamos que serviu de auxílio para as demais disciplinas. Segundo Tardeli (2017), a motivação engloba muitas funções cognitivas, como a atenção, a percepção e o explorar a criatividade, criando sua autoestima, auxiliando, envolvendo o aluno, gerando assim um bom aspecto motivacional para a aprendizagem da disciplina a ser estudada, independentemente de sua complexidade.

### **Considerações Finais**

O Pibid de Educação Física representa hoje, uma grande oportunidade de ação colaborativa na formação de professores de Educação Física. Conscientes da dimensão ampla que abarca o universo escolar, acredita-se que estamos produzindo ações significativas na formação da consciência dos novos professores, pois, ao utilizarmos a música durante aulas de Educação Física percebeu-se a sua importância, para a motivação e criatividade dos estudantes na participação das atividades sugeridas, beneficiando os mesmos em seus aspectos físicos, cognitivos e psicossociais, já que a mesma altera os batimentos cardíacos, causa sensações de acordo com seu ritmo e estilo musical, provoca sentimentos e é grande motivadora.

Sendo assim, da mesma forma que agrega, incentiva a prática dos estudantes em aulas, o estudo nos releva a necessidade de motivar estudantes e professores na busca do conhecimento para a transformação das aulas a serem ministradas. Portanto, considerando a importância e o significado que a música, tem na formação motora, intelectual, emocional e social do estudante e que essa ação, assume novas formas e possibilidades devido às mudanças ambientais, nós, profissionais da Educação Física, devemos a todo instante entender essas mudanças e aprimorar nossa práxis.

### **REFERÊNCIAS**

ALCARÁ, Adriana Rosecler; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini . A Instrumentalidade como uma estratégia motivacional. **Psicologia Escolar Educacional**, 11 (1), 177-178, 2007.

BENTO Jorge. **O Desporto Discurso e Substância**. Porto: Campo das letras – Editores, S. A., 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1998 volume 3.**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo. Editora Fundação Petrópolis, 2003.

CERNEV, Francine Kemmer; HENTSCHKE, Liane. Teoria da Autodeterminação e as Influências das Necessidades Psicológicas Básicas na Motivação dos Professores. **Revista Abem**, v. 20, n. 29, 2012.

COSTA, Synésio Batista. **A importância da música para as crianças**. São Paulo: Abemúsica, 2002.

DRESLER, Dressler; WILLIS, William. **Sociologia**: o estudo da interação humana. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.

FERRER-CAJA, Emilio; WEISS, Maureen. Predictors of Intrinsic Motivation among Adolescent Students in **Physical Education**. American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance, v. 71, 2000.

GARRIDO, Iancy. **Motivacion, emocion y accion educativa**. Em: Mayor, L. e Tortosa, F. (Eds.). *Âmbitos de aplicacion de la psicologia motivacional* (pp. 284-343). Bilbao: Desclee de Brower, 1990.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. 6. ed. São Paulo: Phorte, 2013.

PAPALIA, Diane. E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PIZANI, Juliana; RINALDI, Ieda Parra Barbosa; MIRANDA, Antonio Carlos Monteiro de; VIEIRA, Lenamar Fiorese. **(Des) motivação na educação física escolar**: uma análise a partir da teoria da autodeterminação. Scielo Brasil. Set, 2016.

SOUZA, Jusamara. O cotidiano como perspectiva para a aula de música. *In*: SOUZA, Jusamara. (org). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

TAKATSU, Mayra Mika. **Artes, Educação e Música**. São Paulo Cengage Learning 2015

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre avaliação. **Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.3, p.145-62, 2011.

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre, Artmed, 2008.

# SLACKLINE COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eduardo Henrique Dutra<sup>1</sup>

Viviana Deon<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo é um relato de experiência de uma intervenção desenvolvida pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. A intervenção teve por objetivo introduzir o esporte *Slackline* às crianças do 5º ano do Colégio Pedro II e analisar seus comportamentos e desenvolvimento nessa prática até então desconhecida para a maioria dos alunos. A aula foi elaborada a partir da seguinte sequência: a) Apresentação do esporte; b) Auxílio na passagem pela fita; c) Introdução de desafios; d) Brincadeira e integração com o grupo; e) Em alguns momentos retirar o apoio ou diminuir a ajuda na travessia; f) Permitir que os alunos se ajudem e passem dicas, g) Incentivar pequenas travessias sem auxílio e propor novos desafios. Ao longo da aula foi observado melhora no equilíbrio das crianças, confiança, atenção e uma grande interação entre turma.

**Palavras-chave:** *Slackline*. Educação Física Escolar. Conteúdo. PIBID.

## Introdução

O *Slackline* é considerado esporte pela confederação internacional de esportes radicais. Consiste em atravessar por uma fita bamba equilibrando-se e, também, fazendo manobras sobre ela. O *Slackline* teve sua origem vinda por escaladores, em meados dos anos 80 nos Estados Unidos nos campos do Vale de Yosemite. Os escaladores esticavam suas fitas nos tempos vagos e caminhavam por elas, com o tempo perceberam que a prática melhora o equilíbrio e a postura. No entanto, entende-se que essa prática possa ter vindo do circo, sendo uma variação da corda bamba (FERREIRA DE BARROS, 2015).

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Educação Física (URI) – eduardodutra@outlook.com

<sup>2</sup> Profa. Mr. do Curso de Educação Física (URI) – vivianadeon@san.uri.br

O *Slackline* chegou no Brasil a partir de 1995, mas se popularizou apenas 10 anos depois. Devido aos benefícios como melhora do equilíbrio, da concentração, psicológica e posturais, acabou ganhando adeptos no mundo todo (FERREIRA DE BARROS, 2015).

A intervenção teve por objetivo introduzir o esporte *Slackline* às crianças do 5º ano do Colégio Pedro II e analisar seus comportamentos e desenvolvimento nessa prática até então desconhecida para a maioria dos alunos.

A partir das considerações acredita-se que o esporte em questão seja uma prática corporal importante de se vivenciar na escola como conteúdo das aulas de educação física. Ampliar o repertório motor dos alunos, bem como o conhecimento tornou-se um fator preponderante para as aulas a fim de que os mesmos possam transferir as práticas corporais aprendidas na escola para suas horas de lazer, transformando em lazer ativo. A intervenção consistiu em apresentar o *Slackline*, um esporte radical para as crianças do 5º ano, com média de idade de 10 anos. Esse plano de aula foi aplicado no dia 29 de outubro de 2021 e teve duração de uma hora e meia. Teve como objetivo introduzir o esporte e analisar o como elas iriam se comportar com o esporte “novo” e desenvolvimento das crianças nessa aula.

## **Desenvolvimento**

O *Slackline* faz parte dos esportes radicais. Consiste em uma fita bamba tensionada e presa em dois pontos fixos, que podem ser estruturas de metais ou troncos de árvores, por exemplo. O praticante deve passar por essa fita que está suspensa a uma determinada altura de um lado ao outro se equilibrando (MACHADO, 2014).

Essa modalidade dos esportes radicais, *Slackline*, requer grande controle postural. O controle postural faz parte dos componentes do controle motor. Esse produz estabilidade e condições para o movimento do corpo humano. É necessário desde a primeira infância até a velhice do ser humano (TEIXEIRA, 2010).

O *Slackline* tem movimentos amplos no espaço, a perna de apoio tem que reduzir movimentos laterais indesejados do pé para equilibrar o centro de gravidade através do movimento da base de suporte. Requisita os grupos musculares do tornozelo, joelho e quadril simultaneamente (MACHADO, 2014).

O indivíduo deve se equilibrar em cima da fita posicionando os pés de maneira que se mantenha mais estável o possível. O esporte exige grande foco e atenção dos praticantes, e um bom controle cinestésico do corpo. O equilíbrio e a musculatura do tronco, são fortemente requeridos e trabalhados nesta modalidade. Principalmente para crianças, onde é extremamente necessário para o desenvolvimento motor. Além de melhorar a autoconfiança, a atenção e autonomia, pode servir de base para transferência para outras modalidades e evitar possíveis lesões através do fortalecimento muscular (MACHADO, 2014).

O *Slackline* foi trabalhado com as crianças do 5º ano do Colégio Pedro II do município de Santo Ângelo, localizado no Rio Grande do Sul. Essas crianças possuem em média 10 anos de idade. O esporte foi introduzido de forma lúdica com as crianças, através de brincadeiras para que as mesmas pudessem vivenciar esta prática corporal. Foi observado durante a aula forte interação entre os alunos, desenvolvimento da coragem, autonomia e visível melhora no equilíbrio. A exigência de um bom controle postural no *Slackline* é alta, como também um bom equilíbrio, coragem e atenção. Esses são pontos principais na prática desse esporte.

Para o planejamento da intervenção foi elaborada uma sequência pedagógica:

- 1) Apresentação do esporte.
- 2) Auxílio na passagem pela fita.
- 3) Introdução de desafios.
- 4) Brincadeira e integração com o grupo.
- 5) Em alguns momentos retirar o apoio ou diminuir a ajuda na travessia.
- 6) Permitir que os alunos se ajudem e passem dicas.
- 7) Incentivar pequenas travessias sem auxílio e propor novos desafios.

Para a intervenção de *slackline* foram seguidas as seguintes etapas:

- Verificou-se pontos fixos firmes e seguros para a montagem do aparelho.
- Altura do aparelho em relação ao solo. Não poderia ser alto, visto que eu deveria estar de acordo com as crianças. Além disso, o aparelho montado muito alto para praticantes inexperiente não é indicado, devido ao risco de queda com lesões.
- O local deveria ser adequado, o dia era quente então precisaria de sombra. Foi preferível um lugar com gramado ao invés de piso.
- Protocolos de Doença por Coronavírus (Covid-19). Todas as crianças foram orientadas a usarem máscaras e passaram álcool em gel.
- Proteção no solo. Foi colocado alguns colchonetes no solo, em pontos específicos para em caso de queda evitar lesões decorrentes das deformidades do solo.

Lembrando que todas as etapas citadas foram organizadas anteriormente a chegada das crianças.

Após organizados os cinco pontos anteriores iniciou-se a prática com as crianças realizou-se breve explicação sobre o esporte *Slackline* e como funciona. Foi explicado que deveriam passar de um ponto para o outro se equilibrando da fita com auxílio do bolsista de iniciação à docência.

No começo da atividade as crianças estavam muito retraídas e bastante negacionistas, dizendo que não conseguiriam se equilibrar, iriam cair ou que não eram capazes de nem mesmo subir na fita, algumas não quiseram e não participaram da aula.

As crianças foram tranquilizadas e aos poucos foram entendendo que receberiam auxílio e não estariam sozinhas. O professor bolsista auxiliou todas as crianças estendendo-lhes a mão. Caso desequilibrassem o professor estaria ali para auxiliá-las. A experiência vivida como professor foi fantástica, pois a demonstração de calma e tranquilidade fizeram com que a atividade fosse um sucesso.

Aos poucos as crianças foram subindo no *Slackline* e perdendo o medo. No começo nenhuma conseguiu atravessar. Se desequilibraram e caíram. Mas, em virtude da altura e do auxílio prestado, perceberam que estavam seguras. E logo as frases de medo se tornaram frases de superação.

Começaram a desejar ir cada vez mais distante e a incentivar os outros colegas. Cada desequilíbrio dos colegas era motivo de apreensão e torcida.

Após as crianças ficarem confiantes com o *Slackline*, começaram a explorar o *Slackline* de formas diferentes. Através de brincadeiras e desafios, sempre interagindo com o grupo, as crianças foram incentivadas a se embalarem na fita (como se fosse uma cama elástica). Algo surpreendente aconteceu, ao invés de se intimidarem com a nova proposta da brincadeira, a maioria ficou muito animada, alguns conseguiram dar pequenos saltos na fita.

Além disso, as crianças já começaram a atravessar com mais destreza e a se equilibrar na fita. Nesse momento sugeriu-se que parassem de olhar para o chão e para a fita, os encorajando ainda mais. Solicitou-se que olhassem para o ponto fixo do outro lado da fita.

Diante disso, mostrou uma melhora considerável no equilíbrio dessas crianças. Pois quando olham para a fita, ela se mexe, possibilitando a melhora do seu equilíbrio. Mas quando olham para a outra ponta da fita, que está presa em um ponto fixo, elas conseguem ter uma percepção cinestésica melhor, dessa forma favorecendo o equilíbrio delas.

**Figura 1:** Criança no *Slackline*



Também, com o passar do tempo, evitou-se ajuda a subir na fita. As crianças começaram a pegar impulso e se segurar no tronco da árvore para colocar o pé na fita, com supervisão e auxílio quando necessário. Uma parte desse esporte é subir adequadamente na fita e não apenas se equilibrar e atravessá-la.

Houve durante a aula bastante interação entre as crianças. Os alunos começaram a se voluntariar para auxiliar os colegas a passar na fita. Percebeu-se que quando começaram a se ajudar, alguns alunos que eram mais próximos se sentiram mais à vontade em passar pela fita. Diante disso, verificou-se a turma se uniu e começaram a passar dicas uns para os outros para melhorar o desempenho, e a eles mesmos se colocarem desafios.

O *Slackline* é um esporte de aventura, ou seja, demanda bastante confiança e autonomia. Com o tempo percebi que alguns alunos queriam tentar passar sem auxílio pelo aparelho. Diante disso sugeri, novamente, pequenos desafios entre eles. Como sair do início da fita e vir até mim que seguraria o aluno quando chegasse.

Essa prática foi bastante interessante pois, a grande maioria tinha receio em participar, porém foram tentando e conseguindo dar um ou dois passos na fita sem cair e posteriormente atravessaram a fita.

**Figura 2:** Alunos se incentivando no *Slackline*



### **Considerações Finais**

Observou-se que proporcionar práticas corporais diferenciadas deixa os alunos atentos e curiosos, além do desenvolvimento de novos conhecimentos, ampliando o repertório motor e as vivências motoras. Observou-se nessa intervenção grande progressão dos alunos tanto no equilíbrio quanto na coragem e atenção. No quesito controle postural não foi observado evolução satisfatória, visto que, o controle postural exige de uma musculatura global do corpo fortalecida e adaptada e mais tempo de prática. E em uma intervenção apenas, não é possível desenvolvê-la.

Além das progressões supracitadas, o *Slackline* mostrou-se para os pequenos um esporte de superação e concentração. Além disso, foi observado grande interação entre a turma. O que indica que o esporte pode ser indicado para integração dos alunos e formação de vínculos afetivos no meio escolar, além do amplo conhecimento.

Após a prática percebeu-se que os alunos estavam confiando mais no professor e se sentiam mais abertos para conversar.

Além disso, os alunos gostaram bastante do esporte. Visto que, foge bastante do que eles conhecem como esporte, pois é uma modalidade pouco difundida. A aplicação e apresentação dessa modalidade esportiva de forma mais lúdica através de brincadeiras e desafios, sem uma necessidade de sucesso fez com que muitos alunos vivenciassem. Dessa forma, demonstrando um bom desempenho da aula.

Não houve a preocupação em explicar técnicas e como deveriam andar sobre a fita, o intuito era que experimentassem um esporte diferente e o explorassem de diferentes formas. No entanto, ao longo da aula propôs-se desafios para eles através de brincadeiras e interação com o grupo entendendo que dessa forma mais crianças participariam da intervenção.

O *Slackline* é um excelente esporte para ser aplicado para crianças. Trabalha o controle postural, conseqüentemente fortalecendo a musculatura global do corpo e específico a do tronco. Exige dos praticantes bastante atenção e foco no que está fazendo. O equilíbrio e percepção cinestésica são, também, fortemente trabalhados.

Esses fatores são extremamente importantes para as crianças em desenvolvimento. A necessidade de ter um grande foco nessa atividade pode trabalhar o controle da ansiedade nas crianças, necessitando estudo mais aprofundado sobre isso. A concentração para a realização da atividade foi notório.

A grande interação social que esse esporte desenvolve nas crianças é mais um bom indicativo para ser mais praticado nas aulas de educação física. Além disso, desenvolve a confiança e respeito, podendo haver a transferência para outras atividades do cotidiano.

Dessa forma o *Slackline* não só se mostra como uma ótima atividade física para os alunos, mas também como um meio de socialização e fortalecimento dos vínculos sociais da criança em desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação - artigo em publicação periódica técnica e/ou científica - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

MACHADO, RAFAEL CESAR COELHO. *Slackline como conteúdo na educação física escolar*. p. 4-22, 2014.

TEIXEIRA, Carlos. Equilíbrio e controle postural. **Brazilian Journal of Biomechanics**, v. 11, 2010.

FERREIRA DE BARROS, DANIEL. **O slackline**: do surgimento a evolução e seus benefícios. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd202/o-slackline-do-surgimento-a-evolucao.htm>. Acesso em: 2 nov. 2021.

### **Reitoria**

Av. Sete de Setembro, 1558  
Caixa Postal: 290  
Erechim - RS - Brasil  
CEP 99709-900  
Fone: 54 2 107 1255  
[www.reitoria.uri.br](http://www.reitoria.uri.br)

### **URI Erechim**

Av. Sete de Setembro, 1 62 1  
Caixa Postal: 7 43  
CEP 99709-910  
Erechim - RS  
Fone: 54 3520 9000  
[www.uricer.edu.br](http://www.uricer.edu.br)

